

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Sonia dos Santos França**

**KIZOMBA: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS E COMBATENDO O RACISMO**

BELO HORIZONTE

2019

**Sonia dos Santos França**

**KIZOMBA: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS E COMBATENDO O  
RACISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação, Diversidade, e Intersetorialidade, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica (LASEB), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

**Área Temática:** Educação, Diversidade e Intersetorialidade.

**Orientadora:** Professora Doutora Shirley Aparecida de Miranda

BELO HORIZONTE

2019

F814k

França, Sonia dos Santos, 1966-  
Kizomba [manuscrito] : desconstruindo estereótipos e combatendo o  
racismo / Sonia dos Santos França. - Belo Horizonte, 2019.  
87 f., il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

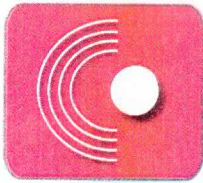
Orientadora: Shirley Aparecida de Miranda

Inclui anexos

1. Racismo. 2. Quilombos. 3. Escolas públicas. I. Título. II. Miranda, Shirley  
Aparecida de. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.96081

**Catálogo da Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**



**ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO SÉTIMO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE**

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**Kizomba: Desconstruindo Estereótipos e Combatendo o Racismo**”, do(a) aluno(a) **Sonia dos Santos França**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Shirley Aparecida de Miranda (orientador) e Carmen Regina Teixeira Gonçalves. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Sonia dos Santos França  
**Sonia dos Santos França**

Registro na UFMG: 2018750601

Shirley Aparecida de Miranda  
Shirley Aparecida de Miranda  
Professor(a) Orientador(a)

Carmen Regina Teixeira Gonçalves  
Carmen Regina Teixeira Gonçalves  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva  
Luciana Gomes da Luz Silva  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Dedico esse trabalho ao meu companheiro Pedro, pelo carinho, amor, solidariedade e contribuições em momentos de trocas de conhecimentos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à direção da Escola Municipal Secretário Humberto Almeida, Christiane e Geraldo pela postura democrática e compromissada com a comunidade escolar, possibilitando o desenvolvimento da pesquisa de forma que pudesse fortalecer as relações étnico-raciais na escola.

Ao corpo docente, discente e profissional da escola que colaboraram na estrutura e produção de atividades para a Kizomba, a partir da temática desse trabalho.

À competente equipe do Programa Escola Integrada que com carinho, dedicação e muito empenho foram fundamentais no desenvolvimento das atividades que planejamos juntos: Ariane, Alef, Ana, Bruno, Cláudio, Felipe, Júlio, Ludmila, Petrina, Ronan e Taís.

A todos (as) aqueles (as) que se dispuseram a colaborar, para esta formação, em especial aos representantes do Quilombo Mangueiras, Dona Wanda (In memoriam), Ione, Maurício e Vítor em nossas visitas ao trabalho de campo num território negro de aprendizagens.

Aos meus familiares, razão do meu compromisso com uma educação democrática e de qualidade para todos (as), construída com base na igualdade com equidade, um grande beijo.

**SER E NÃO SER**

O racismo que existe,

O racismo que não existe.

o sim que é não,

o não que é sim.

É assim o Brasil

ou não?

**(Oliveira Silveira)**

## **RESUMO**

Este trabalho discorre sobre a atuação do Programa Escola Integrada (PEI) na Escola Municipal Secretário Humberto Almeida, para a implantação do projeto institucional Kizomba e a relação de parceria com o Quilombo Mangueiras. Considerando a discussão das relações étnico-raciais, da diversidade cultural e dos princípios da Educação Integral, este projeto de ação pedagógica focaliza uma prática que discute as tensões no ambiente escolar entre os (as) estudantes de sexto ano, que geram brincadeiras ofensivas e hostilidades raciais, dificultando as relações interpessoais. A metodologia utilizou o questionário socioeconômico-cultural semiestruturado aplicado aos (às) estudantes do sexto ano, participantes do PEI, e o fazer pedagógico, enfatizando estratégias junto aos educadores da equipe do programa. Essas atividades, articuladas entre a teoria e a prática, tiveram como objetivo a desconstrução de estereótipos e o combate ao racismo. Os teóricos Almeida (2018), Arroyo (2015), Canário (2005), Fanon (2008), Gomes (2005), Miranda (2005), Moura (1993), entre outros, fundamentam e qualificam o estudo. Desse modo, o estudo atua para que a inferência sobre os (as) estudantes ressignifique conhecimentos e valorize os sujeitos em sua diversidade racial.

**Palavras-chave:** Kizomba, Quilombo Mangueiras, estereótipos, racismo.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ACPP** - Análise Crítica da Prática Pedagógica

**BNCC** - Base Nacional Comum Curricular

**CBTU** - Companhia Brasileira de Trens Urbanos

**COMUPRA** - Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**EMSHA** - Escola Municipal Secretário Humberto Almeida

**FAE** – Faculdade de Educação

**IES** - Instituições de Ensino Superior

**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**PBH** - Prefeitura de Belo Horizonte

**PDDE** - Programa Dinheiro Direto na Escola

**PEA** - Programa Escola Aberta

**PEI** - Programa Escola Integrada

**PME** - Programa Mais Educação

**SINAPIR** - Sistema Nacional de Promoção de Igualdade Racial

**SMED** - Secretaria Municipal de Educação

**UFMG** - Universidade Federal de Minas Gerais

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1	Comunidades do entorno da EMSHA	10
Figuras 2, 3 e 4	Alunos (as) do PEI em oficina de meio ambiente desenvolvendo o Projeto Agrofloresta. Realização de oficinas do PEI na Casa Comum onde atua o COMUPRA (Conselho Comunitário Unido pelo Ribeiro de Abreu) – Território de aprendizagem	17
Figura 5	Território de Aprendizagem - Quilombo Mangueiras	18
Figuras 6 e 7	Equipe do PEI EMSHA: Alef, Ana, Ariane, Bruno, Cláudio, Felipe, Guilherme, Júlio, Ludmila, Petrina, Ronan, Sonia e Taís	18
Figura 8	Roda de conversa sobre religiosidades e o respeito às crenças	24
Figura 9	Dona Wanda de Oliveira- matriarca do Quilombo Mangueiras	24
Figura 10	Desenho para o convite da Kizomba 2019	29
Figuras 11, 12 e 13	Trabalhando o kit literário	33
Figuras 14, 15 e 16	Formação dos educadores do PEI	34
Figura 17 e 18	Dialogando com a diversidade de etnias indígenas	35
Figuras 19, 20 e 21	Oficinas temáticas	35
Figuras 22 e 23	Oficinas temáticas	36
Figuras 24, 25 e 26	Roda de Conversa com Inácio	36
Figuras 27, 28 e 29	Roda de conversa com a escritora Patrícia	37
Figuras 30, 31, 32, 33 e 34	Oficina de estética afro-brasileira e autorretrato	38
Figuras 35 e 36	Reunião com os responsáveis dos estudantes do sexto ano	40
Figura 37	Reunião pedagógica com professores	40
Figuras 38, 39 e 40	Formação com a Professora Rosa Margarida	41
Figuras 41, 42 e 43	Oficina de mosaicos	42
Figuras 44, 45, 46, 47, 48 e 49	Oficina de estética afro-brasileira e autorretratos.	43
Figuras 50, 51, 52,	Oficina de maquiagem e autorretratos	43

53, 54 e 55

Figuras 56, 57 e 58 Oficina de maquiagem e autorretratos 44

Figura 59 Oficina de Percussão 45

## **GRÁFICO**

Gráfico 1 Autodeclaração dos estudantes do sexto ano sobre a cor 14

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Perfil dos (as) estudantes do sexto ano da Escola Municipal Secretário Humberto Almeida matriculados no Programa Escola Integrada.....	13
3. O programa escola integrada e a atuação na escola municipal.....	15
4. Quilombos no Brasil e a Comunidade de Mangueiras como referência de remanescentes quilombolas em Belo Horizonte.....	20
5. A Kizomba.....	26
6. Trabalhando o antirracismo – dialogando com termos e conceitos.....	30
7. O fazer pedagógico.....	39
Conclusão.....	47
Referências.....	49
Apêndice A - Cronograma de elaboração do projeto.....	51
Apêndice B - Questionário semiestruturado aplicado com os alunos (as) do 6º ano da EMSHA – Gráficos e respostas abertas.....	55
Apêndice C - Questionário socioeconômico-cultural.....	75
Anexo A - Relatório do convidado Inácio para roda de conversa na EMSHA.....	84
Anexo B – Termo de autorização (Escola Municipal Secretário Humberto Almeida).....	86
Anexo C – Termo de autorização (Responsáveis pelos estudantes).....	87

*“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.”*  
*Paulo Freire*

## 1. INTRODUÇÃO

A Escola Municipal Secretário Humberto Almeida (EMSHA), situada na Região Norte de Belo Horizonte, às margens da rodovia MG 20, tem como afluentes o Ribeirão Onça e o Córrego Izidoro e foi uma conquista das comunidades dos Bairros Conjunto Ribeiro de Abreu, Ribeiro de Abreu "Casas Populares" e Monte Azul. Além destas comunidades, a instituição atende estudantes também das comunidades do Novo Aarão Reis, Ribeiro de Abreu "CBTU" (Companhia Brasileira de Trens Urbanos), Maria Tereza, Novo Lajedo (Ocupação) e Quilombo Mangueiras, mantendo uma relação aberta e de parceria com todas, inclusive aos sábados e domingos com o Programa Escola Aberta (PEA) <sup>1</sup>. São estudantes de sexto ao nono ano, do ensino fundamental, na faixa etária entre 11 e 14 anos, Geração Ativa e EJA (Educação de Jovens e Adultos) na faixa etária entre 15 e 60 anos<sup>2</sup>.

Figura 2- Comunidades do entorno da EMSHA



(Fonte: Google Earth – acesso em 15/10/2019. Modificado por mim)

Em 2000, quando assumi o segundo cargo de professora municipal, na EMSHA, dei continuidade ao trabalho da história das comunidades no entorno da escola, mapeando e reconhecendo as trilhas e as nascentes do Quilombo Mangueiras, das bacias hidrográficas da

<sup>1</sup> Programa da Prefeitura de Belo Horizonte implementado em 2004 nas escolas municipais integrando comunidade e escola.

<sup>2</sup> Esses dados são baseados no Projeto Político Pedagógico da escola, atualizado em 2017 e no questionário socioeconômico-cultural (em anexo), aplicado aos alunos do sexto que frequentam o Programa Escola Integrada em 2019.

Santinha, do Córrego Izidora e do Ribeirão Onça até o encontro com o Rio das Velhas. O Rio das Velhas, importante comarca mineradora do século XVIII, fica aproximadamente a 3,5 quilômetros da escola, na cidade limítrofe com Belo Horizonte, Santa Luzia.

A descoberta que tão próximo da escola, uma comunidade negra se organizava e reivindicava o reconhecimento como remanescentes quilombolas, foi importante para redimensionar o projeto, iniciando assim uma parceria entre a EMSHA e o Quilombo Mangueiras. Um elo estreitando a relação entre educandos (as) e moradores da comunidade. A aproximação com o Quilombo Mangueiras estabeleceu-se quando adolescentes quilombolas se tornaram meus alunos no Ensino Fundamental e Médio. Acordamos para que eles fossem os nossos guias dentro da comunidade quilombola. O primeiro passo foi dialogar com esses adolescentes, na percepção de pertencimento racial deles em sua comunidade. A partir de então, com timidez inicial, eles passaram a divulgar e valorizar a luta dos seus antepassados por aquele território negro, de história e memória importantes para a cidade e a escola. A comunidade de Mangueiras e a escola, em suas interações, estabeleceram um vínculo de parceria em que a valorização de ambos os territórios passou a ser espaços de trocas de experiências e saberes múltiplos.

A minha formação no projeto “A Cor da Cultura” foi essencial como multiplicadora para os profissionais da escola, tendo a biblioteca como referência para os estudos coletivos e pesquisas. Por meio da Lei 10639/2003, a temática da cultura afro-brasileira e cultura africana é trabalhada na escola como um todo e inserida no Projeto Político Pedagógico da EMSHA, tendo como diretriz a questão étnico-racial. Surge então a Kizomba, principal projeto pedagógico que se institucionalizou a partir de 2010.

Nesse ano, a temática apresentada Kizomba: desconstruindo estereótipos e combatendo o racismo é objetivo principal desse plano de ação, apresentado a comunidade escolar e tendo como referência os (as) estudantes do sexto ano. Devido ao número significativo de estudantes novatos (as) na EMSHA, oriundos (as) de outras escolas, em que finalizaram o primeiro ciclo, essas crianças não passaram pelo processo de formação, do qual o trabalho de campo no Quilombo Mangueiras é essencial para se discutir a questão étnico-racial e participar do projeto Kizomba.

Nas oito turmas no turno da tarde, que, em sua maioria, participam do PEI, as relações interpessoais são difíceis e os conflitos se apresentam através das hostilidades entre os pares, com apelidos pejorativos e rótulos que desumanizam presentes em sala de aula, nas oficinas ou em

momentos coletivos. Os apelidos são generalizados, recebem e colocam apelidos, praticando hostilidades entre os pares, através do bullying<sup>3</sup> ou do racismo.

Esses (as) estudantes do sexto ano, em sua maioria não conhecem o Quilombo Mangueiras. Aqueles que moram no entorno da comunidade e já ouviram falar dela, geralmente expressam afirmações preconceituosas, associando a religião de matriz africana ao som do tambor que costumam ouvir. Os (as) estudantes que estão ao lado da comunidade, em razão da ocupação, vivem em moradias precárias, sem saneamento básico, com os esgotos de suas casas contaminando as nascentes do território quilombola.

Como professora coordenadora do PEI, atuei mediando os conflitos entre as crianças e familiares. Planejei e desenvolvi ações junto à equipe capacitando-a com formações que prepararam os (as)<sup>4</sup> profissionais a realizarem atividades propostas na desconstrução de estereótipos e combate ao racismo.

A metodologia dessas ações, utilizada com o sexto ano, consistiu na aplicação de questionário socioeconômico-cultural semiestruturado em rodas de conversas, em oficinas temáticas com a equipe e convidados, em palestras e trabalho de campo.

Nesse contexto, a Comunidade Quilombola de Mangueiras passa a ser uma referência de território étnico-racial e ambiental para se conhecer pedagogicamente, com os estudantes atendidos pelo Programa Escola Integrada (PEI). Além disso, tem-se, como perspectiva, refletir sobre a religiosidade e a convivência pacífica entre pessoas e suas crenças e trabalhar conceitos que auxiliem estudantes a desconstruir concepções negativas nas relações sociais, interpessoais, no respeito às diferenças e à diversidade, promovendo reflexões sobre as desigualdades sociais, culturais e raciais.

O resultado das ações e intervenções desenvolvidas nesse trabalho com os (as) estudantes pretende-se apresentar em exposições, teatros, danças, capoeira, poesia e jogos, em novembro, do corrente ano, na mostra da Kizomba.

---

<sup>3</sup> Forma de afirmação de poder interpessoal por meio de agressão. (SMITH, 2002)

<sup>4</sup> O uso do artigo feminino entre parênteses é uma forma de incluir meninas e mulheres no discurso quando a gramática tradicional opta pelo masculino neutro.

*“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.”*  
*Rosa Luxemburgo*

## **2. PERFIL DOS (AS) ESTUDANTES DO SEXTO ANO DA ESCOLA MUNICIPAL SECRETÁRIO HUMBERTO ALMEIDA MATRICULADOS NO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA**

Esse trabalho selecionou alunos do sexto ano que frequentam o Programa Escola Integrada (PEI), delimitando o estudo em 67 estudantes. O questionário semiestruturado aplicado, em anexo, permitiu mapear um perfil desses (as) estudantes atendidos pela escola. Eles chegam à escola nos ônibus da frota da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), vindo de várias comunidades, entretanto a predominância é do bairro Novo Aarão Reis.

A família monoparental feminina predomina na criação destas crianças e a escolaridade completa chega ao ensino fundamental. A televisão e o celular são referências de bens de consumo para a diversão, mas também gostam de brincar na rua e jogar bola. A religião predominante é a cristã evangélica.

Com características socioeconômicas de classe baixa, o trabalho assalariado com uma renda de um a três salários mínimos representa a renda familiar, todavia há um número considerável de desempregados, reflexo da crise econômica que o país enfrenta. Vários (as) estudantes estão em situação de vulnerabilidade social, moram em ambientes de risco, em região de ocupação, próximo ao quilombo e sem saneamento básico.

Muitos (as) desses (as) estudantes não conhecem a comunidade de Mangueiras. Aqueles (as) que conhecem é porque frequentam os pequenos comércios, na entrada da comunidade, para comprar caldo de cana e pastel frito, ou para pedir manga. Eles (as) descrevem o espaço com árvores frutíferas, como “refúgio de escravos” e local de “descendentes de escravos”, demonstrando uma visão colonialista de que a ascendência negra é de escravizados. Outros (as) estudantes que já ouviram falar da comunidade têm visões depreciativas em relação à religião de matriz africana, sinalizadas pelo som do tambor que ouvem nos arredores do quilombo. Consideram o lugar como espaço de “macumba”, onde a comunidade realiza a cerimônia religiosa.

Esses (as) estudantes atendidos (as) pelo PEI são, em sua maioria, pardos (as) e pretos (as), conforme autodeclaração que resultou no gráfico 1, abaixo. A Lei 12.288, de 20 julho de 2010 institui o Estatuto da Igualdade Racial e no Título I, das Disposições Preliminares, artigo 1º, parágrafo único, inciso IV, considera população negra: “o conjunto de pessoas que se autodeclaram



pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga”.

Gráfico 1- Autodeclaração dos estudantes do sexto ano sobre a cor



(Fonte: Questionário Aplicado na pesquisa)

A partir das suas experiências e vivências, que estabelecem nas relações interpessoais no espaço escolar, eles colocam ou recebem apelidos hostis, tais como preta, neguinho da macumba, feio, mendigo, macaco, gordo, beijuda, momo, boneca vodu, café fino grão, entre outros, gerando conflitos diários. São estereótipos negativos que afetam diretamente os (às) estudantes negros (as) que se defendem com agressividade física diante do preconceito.

Eles (as) descrevem os conceitos de *preconceito*, *discriminação* e *racismo*, como definições negativas, pejorativas, criminosas e dolorosas. Para os (as) educandos, “julgar sem conhecer, pela cor ou raça”, “zoar as pessoas”, “colocar apelidos”, praticar “bullying” e desrespeitar cabem na concepção de *preconceito*. Para *discriminação*, conceituam como “condenar sem provas”, “culpar inocente” “expor e julgar os defeitos dos outros”, “chamar a pessoa de preto, negro e africano”, “um branco xingar um preto”. A palavra *racismo* conceituam como “chamar os outros de macaco, preto”, “desqualificar, discriminar a pessoa pela sua cor, etnia, religião, cabelo e raça”, “é um crime grave e pode dar cadeia”, “xingar e bater por causa da cor” “é uma coisa que as pessoas sofrem e dói os sentimentos”.

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”*

*Cora Coralina*

### **3. O PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA E A ATUAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL**

A Educação Integral tornou-se uma importante política educacional para o município de Belo Horizonte, a partir de discussões e práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas da Rede Municipal quando da institucionalização da Escola Plural, a partir de 1995. Esse modelo pedagógico se organizou em eixos norteadores que referendavam as vivências das idades de formações em ciclos e as escolas repensando o tempo e o espaço como da cidadania, da socialização, da cultura, das linguagens, da diversidade e voltada para a igualdade com equidade.

O município, por meio da Secretaria de Educação (SMED), ratifica esses parâmetros para as instituições educacionais, a partir dos princípios da Carta das Cidades Educadoras, da qual, Belo Horizonte, conquista e celebra o título de “Cidade Educadora”, junto a mais 13 cidades brasileiras. O primeiro princípio desta carta estabelece “... o direito a uma cidade educadora como uma extensão do direito fundamental de todos à educação” e o movimento das cidades educadoras propõem uma ampliação do tempo de permanência dos estudantes nas escolas em parcerias com os diversos segmentos sociais da cidade.

Nessa perspectiva, em 2006 surge a “Escola Integrada”, como projeto experimental em sete escolas municipais de Belo Horizonte do ensino fundamental. Em 2007, o projeto é ampliado e passa a ser uma política pedagógica para a Rede Municipal, através da elaboração do Programa Escola Integrada (PEI). Com o lema “Belo Horizonte é uma sala de aula” e priorizando os alunos de comunidades vulneráveis socialmente, os estudantes passaram a apropriar-se dos espaços da cidade para realização das oficinas em praças, igrejas, teatros, salões de associações comunitárias, parques, através de convênios, cessão e contratos de locação. Via parcerias públicas e privadas, o PEI proporciona aulas passeios com o intuito de diversificar os bens culturais e qualificar a aprendizagem dos estudantes.

As oficinas foram criadas a partir do macrocampo do Programa Mais Educação (PME), Decreto nº 7.083/2010, do Governo Federal, que em suas diretrizes de escola integral para o país reconhecia o estudante como protagonista no processo do conhecimento, quando este absorve e produz saberes nas relações sociais, culturais e políticas, ampliando e intervindo integralmente em seu horizonte formativo. Os macrocampos são: Acompanhamento Pedagógico, Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital e Tecnológica, Cultura, Artes e Educação Patrimonial, Esporte e Lazer,

Educação em Direitos Humanos, Educação Ambiental, Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária e Criativa/Educação Econômica (Educação Financeira e Fiscal) e Promoção à Saúde - PSE <sup>5</sup>.

Além das escolas municipais do Ensino Fundamental, o PEI também se insere nas instituições socioeducativas e a adesão da família ao programa é voluntária, assinando um termo, garantindo a inclusão social de crianças e jovens na faixa etária de 6 a 14 anos. Com carga horária de até 6 horas no contraturno, os estudantes, tomam café, almoçam, lancham e desenvolvem atividades pedagógicas nas oficinas, em aulas passeios e roteiros pedagógicos: teatro, cinema, clube, museus, atividades ambientais, esportivas e culturais diversificadas e apropriação de espaços públicos na cidade e na comunidade do entorno da escola fazem parte de vivências, convivências e experiências que oportunizam aprendizagens ao estudante inserido no programa integral da Rede Municipal de Belo Horizonte.

“A escola, enquanto instituição comunga do paradoxo fundamental que atravessa as várias modalidades do programa institucional” (CANÁRIO, 2005, p.65). É nesta dualidade que a escola se estabelece, numa relação entre a educação formal, que é denominada “escola regular” e a socialização de educandos, denominada “escola integrada”. Quando a instituição não aproxima as duas formas de adquirir saberes, contribuindo para que ocorra uma prática pedagógica, entre os seus profissionais e os (as) educandos (as), como sujeitos de aprendizagens, essa relação é tensionada e distanciada dos territórios educativos. Romper com separações e distanciamentos e estabelecer um diálogo constante com a cultura escolar é essencial. São necessárias a percepção e concepção do educador que o aprendizado é global, entendendo que a educação é vivenciada dentro e fora do espaço e ambiente escolar e que o aprendizado se dá nas relações sociais, numa concepção aberta ao conhecimento. Para Rui Canário, (2008, p. 80) "as aprendizagens significativas realizam-se fora da escola, de modo informal, e será fecundo que a escola possa ser contaminada por essas práticas educativas que, hoje, nos aparecem como portadoras de futuro".

Somente o espaço escolar não é suficiente para atender as necessidades das práticas educativas do PEI e a estrutura física das escolas é voltada para o modelo de tempos regulares, o que pressupõe a articulação de espaços parceiros conveniados, gratuitos ou pagos pela Caixa Escolar para atender a demanda da comunidade escolar. O espaço escolar é um espaço que se apresenta de forma rígida, hierarquizada e normatizada, mas as relações cotidianas, na maior parte

---

<sup>5</sup> O Programa Saúde na Escola (PSE) era uma parceria SMED/SMSA, em que um profissional, da escola, fazia o trabalho de articulação escola e centro de saúde fazendo o levantamento dos estudantes que necessitavam de ações voltadas para a prevenção. Esse formato foi extinto em 2019.

do tempo, promovem um ambiente de aprendizagens permitindo uma relação pedagógica e social que supere "a relação dual entre mestre e aluno" (CANÁRIO, 2005, p. 61).

As escolas contratam educadores, denominados “monitores” e “bolsistas”, fundamentais no funcionamento do programa, para atuarem com os estudantes, de acordo com as especificidades das oficinas do macrocampo do Programa Mais Educação. O pertencimento a comunidade em que a escola está inserida é muito importante na seleção desse profissional, “monitor”, com saberes diversificados e ricos para trabalhar com os estudantes, pois, ao conhecer a cultura local, a articulação escola e comunidade fica mais próxima e as parcerias se estabelecem e se fortalecem. O “bolsista” é um universitário de Instituições de Ensino Superior (IES) que em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SMED) faz a interlocução entre o campo teórico e o prático, por um período máximo de dois anos, dentro de uma formação específica, atuando numa das oficinas do macrocampo do PME.

Figuras 2, 3 e 4 - Alunos (as) do PEI em oficina de meio ambiente desenvolvendo o Projeto Agrofloresta. Realização de oficinas do PEI na Casa Comum onde atua o COMUPRA (Conselho Comunitário Unido pelo Ribeiro de Abreu) – Território de aprendizagem.

FIGURA 2



FIGURA 3



FIGURA 4



(Fonte: Arquivo Pessoal)

O financiamento ao PEI é efetuado com recurso do governo federal, Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE/Educação Integral) e verba municipal. A partir de 2018, o recurso federal escasseou e o município assumiu o financiamento do programa em sua quase totalidade, mantendo cerca de mais de 55 mil estudantes, articulando ações intersetoriais governamentais e estimulando parcerias diversificadas que promovam o protagonismo das crianças e jovens das instituições escolares da cidade.

A escola é a referência primordial das diretrizes e ações pedagógicas do PEI e conta com a direção e o professor coordenador para acompanhar, orientar, participar, promover e articular a Proposta Política Pedagógica da instituição com todos os segmentos da comunidade escolar. Nesse aspecto, a atuação da equipe PEI, da Escola Municipal Secretário Humberto Almeida, a partir de

2009, vem ampliando o seu campo de atuação nos territórios de aprendizagens do seu entorno, valorizando e qualificando espaços habitados que possibilitem interlocuções com a cultura local e um desses espaços é o Quilombo Mangueiras.

Figura 5 - Território de Aprendizagem - Quilombo Mangueiras



(Fonte: Arquivo Pessoal)

A equipe da EMSHA que trabalha no PEI é composta por oito monitores de 44 horas, uma bolsista de 20 horas e eu, como a professora coordenadora, planejando junto aos profissionais, os projetos que norteiam as oficinas, para serem desenvolvidos com duzentos e sessenta e quatro estudantes que fazem parte do segundo e terceiro ciclos (6ºano ao 9ºano), nos espaços da escola, nos espaços públicos do bairro e da cidade e na casa locada. As aulas passeios que fazem parte do cardápio da Secretaria Municipal de Educação (SMED) e os roteiros pedagógicos acrescentados por nós enriquecem e diversificam os conhecimentos, valorizando a cultura, o meio ambiente, o patrimônio e o lazer.

Figuras 6 e 7 - Equipe do PEI EMSHA: Alef, Ana, Ariane, Bruno, Cláudio, Felipe, Guilherme, Júlio, Ludmila, Petrina, Ronan, Sonia e Taís.

FIGURA 6



FIGURA 7



(Fonte: Arquivo Pessoal)

Os (as) estudantes da EMSHA do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, em sua maioria, fazem parte do Programa Escola Integrada. Eles (as) trazem uma bagagem de saberes que compartilham com a equipe multidisciplinar do PEI e exercitam cotidianamente a expressão verbal, corporal, cultural, artística e racial. Nesse exercício, em suas relações interpessoais, apresentam-se em várias situações de conflitos, inclusive, hostilizando-se através de brincadeiras, com xingamentos e injúria racial. Uma professora relatou ofensas de meninas ao colega negro, chamando-o de “macaco” em razão de uma ofensa dele a elas; no pátio, um educador mediou uma situação de conflito entre um grupo de meninas e um menino que também foi desumanizado; e referências pejorativas ao quilombo ao referir como espaço de “macumba”.

Desconstruir toda forma de prática discriminatória, entendendo o racismo estrutural como concepção que deriva à efetivação de preconceitos, é essencial. Refletir e combater atos segregadores e excludentes nas relações sociais e interpessoais é função da escola, principalmente, da equipe do PEI, que convive integralmente com esse indivíduo racializado, vivendo em condições de subalternização que, sem conhecimento, acaba reproduzindo crenças e valores estereotipados: (...) "as instituições que não tratem de maneira ativa e como problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como 'normais' em toda a sociedade". (ALMEIDA, 2018, p.37).

A atuação da equipe de educadores é vital para estabelecer ações que permitam integrar os diversos públicos para conhecer o outro e se reconhecerem identitariamente, perceber o território como espaço de aprendizagem em que estão inseridos em sua história e construir valores e princípios que os instrumentalize a combater preconceitos, discriminações e desconstruam estereótipos do grupo pardo e negro, do qual a maioria faz parte. Esse processo, entendendo a escola como um campo aberto à diversidade social, cultural e racial, favorece a democratização e promove a qualificação da aprendizagem de todos (as) na ressignificação de saberes.

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.”  
Cora Coralina

#### 4. QUILOMBOS NO BRASIL E A COMUNIDADE DE MANGUEIRAS COMO REFERÊNCIA DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS EM BELO HORIZONTE

A análise na perspectiva da história e cultura africana perpassou as rodas de conversa, quando dos trabalhos de campo na comunidade de Mangueiras. Conversamos sobre a importância da visita do rei da Nigéria, em 2018, no quilombo e os laços com a ancestralidade e a religiosidade de matriz africana; caminhamos pelas trilhas da mata de preservação mapeando as moradias, as nascentes, a flora, a fauna conhecendo o território e refletimos sobre a diáspora africana compulsória para o Brasil, analisando as resistências do povo negro ao escravismo colonial por meio das formações quilombolas.

Como a diáspora negra no Brasil, através do tráfico atlântico, sustentou uma colonização por meio de trabalho compulsório, denominada Plantation Escravista? Com a produção açucareira nos séculos XVI e XVII, a mineração no século XVIII e a produção cafeeira, no século XIX. Estas economias voltadas para o mercado externo propiciaram a exploração, desumanização e a homogeneidade da cultura, linguagem e religiosidade de vários povos africanos. “... os senhores criaram uma estratégia de dominação, que se cristalizou no racismo, ao afirmarem que os escravos, por serem negros, eram inferiores e, por serem inferiores, eram passíveis de serem escravizados”. (MOURA, 1993, p. 10).

A opressão e a brutalidade de tratamento a que a sociedade colonial patriarcal submeteu os (as) escravizados (as), proporcionaram vários movimentos de conflitos e resistências: revoltas, assassinatos, levantes, motins, suicídios e fugas individuais ou em massa. Os fugitivos organizaram em comunidades com estrutura social e econômica próprias, denominadas mocambos e quilombos, espalhadas por todo o Brasil escravagista, inclusive com mistura étnica:

O historiador Stuart Schwartz chamou a atenção para o fato de que ao longo do século XVII – na documentação colonial – as comunidades de fugitivos foram denominados ao mesmo tempo de *mocambos*, principalmente na Bahia, e de *quilombos* em Minas Gerais; e o termo apareceu em Pernambuco somente a partir de 1681. Assim, *mocambos* (estruturas para erguer casa) teriam se transformado em *quilombos* (acampamentos), e tais expressões africanas ganharam traduções atlânticas entre Brasil e África desde século XVI. (GOMES, 2015, p.11).

A agricultura de subsistência era a base econômica dos quilombolas, que desenvolviam também o artesanato, o extrativismo, a criação de gado, os serviços, a metalurgia, a tecelagem e,

através do escambo, organizavam uma estrutura de defesa, adquirindo pólvora e outros produtos necessários à sobrevivência dos quilombos, principalmente os maiores, como os quilombos de Palmares, nas Alagoas e o Ambrósio em Minas Gerais. Ou seja, não eram isolados da sociedade colonial, as articulações mercantis com intermediários - trabalhadores livres e escravizados (as) - estabeleciam-se de acordo com os interesses socioeconômicos. “Em Minas Gerais, no século XVIII, existem evidências de agricultura, saques e mineração na economia dos quilombos”. (GOMES, Flávio, 2015, p. 23).

A repressão e os enfrentamentos que duraram séculos, com expedições de combate e destruição aos quilombos, eram organizadas pelos senhores de engenho, com seus capitães do mato, e pela sociedade colonial por tropas. Evitar que os pequenos se transformassem em grandes quilombos e aniquilar aqueles maiores em estrutura, população e economia, como Palmares, o mais antigo e maior e o segundo, Ambrósio, era vital para as autoridades coloniais. Após muitas batalhas e resistências, às forças coloniais conseguiram destruir ambos os quilombos, Palmares em 1695 e Ambrósio em 1767. Os negros capturados eram marcados com o F de fujão e caso reincidissem em fuga era cortada uma orelha. Quanto mais as repressões continuavam, recrudesceram os quilombos e a resistência, por meio de confrontos, com as forças aumentando o seu ataque.

Mesmo após a Abolição da Escravatura (1888), os quilombos continuaram a multiplicar, pulverizando-se em todas as regiões do Brasil, em deslocamento, em busca de terras e trabalho. Organizando como camponeses, em pequenas comunidades rurais, produziam atividades agropastoris e extrativistas, mas tornaram-se invisibilizados com o advento da República, nas políticas públicas e estigmatizados como negros, descendentes e ex-escravos.

Os conflitos e tensões de raça, classe, gênero, orientação sexual e religiosidade que ocorrem no cotidiano do ambiente escolar foram historicamente construídos desde o colonialismo europeu que naturalizou categorias distintas de seres humanos, um sistema de dominação baseado na violência racial e na discriminação. O escravismo colonial sustentou uma estrutura econômica capitalista emergente para a burguesia comercial europeia, através do lucrativo tráfico humano, numa relação de poder em que o processo de coisificação do africano foi caracterizado sob o signo da religião branca de matriz judaico-cristã, reforçando estereótipos, estigmas, preconceitos e discriminação racial ao povo negro ao longo da formação da sociedade brasileira. Esse sistema de poder de dominação sob a égide religiosa cristã fundamenta o racismo estrutural em nosso país? (...) "o racismo que esta instituição venha expressar é também parte desta mesma estrutura" (ALMEIDA, 2018, p.36).



Entre a década de 1960 a 1970, o movimento negro no Brasil, tendo como principal expoente, Abdias do Nascimento, utiliza a simbologia do quilombo, referenciando Palmares e o líder Zumbi, como política de resistência, luta contra a discriminação e combate ao racismo, valorizando a arte e os intelectuais negros.

A Constituição Cidadã (1988), não só resgata o termo remanescente quilombola, mas também reconhece e garante a posse da terra a esses cidadãos e reconhece-os como patrimônio histórico e cultural do país, nos termos do artigo 215: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Da mesma forma o artigo da Constituição Federal Brasileira garante que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: **I** - as formas de expressão; **II** - os modos de criar, fazer e viver; **III** - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; **IV** - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; **V** - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. § 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, artigo 216)

O Estatuto da Igualdade Racial, ao instituir o Sistema Nacional de Promoção de Igualdade Racial (SINAPIR) possibilita a implantação de políticas antirracistas, de promoção de igualdade étnica e de ações afirmativas garantindo a participação e articulação das diferentes esferas de governo com a sociedade civil organizada, dando visibilidade ao movimento negro, nos níveis estaduais, municipais e distrito federal.

Em consonância com o debate nacional, através das conferências, de combate ao racismo e de superação das desigualdades raciais, os remanescentes da Comunidade de Mangueiras, inserem-se numa participação mais efetiva na luta para garantia dos direitos quilombolas: obter a titulação definitiva do seu território, preservação da área verde, nascentes, costumes, tradições, manifestações religiosas e políticas públicas de geração de renda aos moradores.

O Quilombo Mangueiras localiza-se na região norte de Belo Horizonte, próximo ao Ribeirão Izidora e ao Ribeirão Onça, região de moradia de cerca de trinta e cinco famílias, numa área urbana de aproximadamente vinte hectares, densamente povoada por bairros e ocupação em seu entorno. Essas famílias, remanescentes de quilombolas resistem em seu território tradicional, na preservação das nascentes, do Córrego Lajinha, na defesa e cultivo da área verde com resquícios de Mata

Atlântica, umas das últimas manchas verdes da cidade. O quilombo é patrimônio cultural da capital mineira desde 2018. A grande quantidade de pés de mangas quando se adentra ao local identificou e denominou a comunidade como Quilombo de Mangueiras.

A valorização positiva de traços culturais, a produção coletiva como forma de ajuste às pressões e perseguições sofridas e a forma de relação com a terra trazem para a definição de comunidades remanescentes de quilombos a importância da categoria território como espaço impregnado de significações identitárias. (MIRANDA, 2018, p. 372).

A comunidade tem a memória da ocupação desse território com o casal Vicência Vieira de Lima e Cassiano José de Azevedo, em meados do século XIX, período anterior à Lei Áurea e a fundação de Belo Horizonte. Viviam da agricultura de subsistência. Um dos 12 filhos do casal, Maria Bárbara é a ancestral mais próxima dos atuais moradores. Ela teve a gleba cedida em 1932 pela família Werneck, latifundiário da região da mata Izidora, onde se formou a Granja Werneck, local em que foi construído, pelo médico Hugo Werneck, um sanatório para o tratamento da tuberculose, inicialmente para os funcionários do Banco do Brasil.

A trajetória desses moradores na afirmação como afro-brasileiros, lutando e reivindicando pelo reconhecimento da comunidade como remanescentes quilombolas foi de fundamental importância na constituição identitária do Quilombo Mangueiras que através do processo de certificação na Fundação Cultural Palmares passa a ter acesso a programas sociais do governo federal, estadual e municipal." Luz Para Todos", saneamento básico e uma sala de alfabetização para adultos são exemplos dessas políticas públicas.

Nesse processo de construção identitária, resgatando a história dos seus ancestrais, reconhecendo-se na diversidade sociorracial e cultural brasileira, a matriarca<sup>6</sup> da comunidade e suas filhas retomaram uma tradição religiosa afro-brasileira, o Candomblé. O terreiro é constituído dentro da comunidade de Mangueiras e os cultos se estabelecem em rituais voltados às divindades e entidades sagradas, os orixás.

As religiões afro-brasileiras se constituem num contexto de negação, invisibilidade, segregação e racismo. Originárias da diáspora migratória dos povos africanos, compulsoriamente trazidos ao Brasil, o Candomblé e a brasileira Umbanda são manifestações religiosas que ressignificaram os seus rituais e divindades como estratégias de sobrevivência e resistência, como

---

<sup>6</sup> A matriarca do Quilombo Mangueiras, Wanda de Oliveira, que faleceu em 26/08/2019 com 77 anos. Seu corpo foi velado na comunidade, no terreiro de candomblé, no dia 27/08/ 2019.

dito por Santos e Pacheco “(...) as comunidades religiosas de matrizes africanas são duramente atacadas por preservar em territórios sagrados a força da ancestralidade. Combatem o racismo e a intolerância, afirmando heranças que têm sido negadas na educação escolar”.

Figura 8 - Roda de conversa sobre religiosidades e o respeito às crenças



(Fonte: Arquivo Pessoal)

Figura 9 - Dona Wanda de Oliveira- matriarca do Quilombo Mangueiras.



(Fonte: Arquivo Pessoal)

Essa manifestação religiosa de matriz africana tem o seu espaço reservado em parte de uma área de aproximadamente 20 hectares de preservação permanente, com resquícios de mata atlântica e várias nascentes. Em um território de “ocupação coletiva, baseada na ancestralidade, no

parentesco e em tradições culturais próprias”<sup>7</sup>, o quilombo tornou-se propício, em suas características ambientais, rica em diversidade de flora e fauna, para a ligação do sagrado com a natureza.

O território é fundamental para a prática religiosa afro-brasileira. “Dessa forma, o território étnico, seria o espaço étnico, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e (...) a sua população tem um traço de origem comum”. (ANJOS, 2006, p.81). Para o candomblé os seus rituais associam as forças e elementos da natureza, consagrando as suas divindades. É o caso do terreiro do Quilombo Mangueiras que está constituído como referência do resgate da história e memória dos remanescentes quilombolas, numa área urbana da região norte de Belo Horizonte, com nascentes e uma área de preservação permanente. Para Maurício e Ivone, lideranças quilombolas, "um dos pontos mais importantes na luta quilombola da Comunidade de Mangueiras foi o resgate da religião de matriz africana que vem a cada dia mais tendo adeptos.”.

Na perspectiva de abordar a temática étnico-racial, com os(as) estudantes compreendendo a comunidade de Mangueiras como território negro de aprendizagens dialogando com as lideranças da comunidade que considera a escola uma instituição parceira na formação, escolarização de crianças e adultos quilombolas, foi essencial. Há um entendimento tácito entre a escola e a quilombo que ambos produzem conhecimento e trocas de saberes que auxiliam estudantes na compreensão da cultura africana e afro-brasileira, identidade racial, história, memória e no respeito a diversidade cultural e religiosa.

Nesse sentido, as atividades elaboradas possibilitaram os(as) estudantes do sexto ano, a visitarem o Quilombo Mangueiras, articulando saberes através das caminhadas nas trilhas da mata de preservação, da roda de capoeira, da roda de conversa com a matriarca e lideranças quilombolas sobre religiosidade, respeito às crenças e a força da ancestralidade. Foram atividades que fizeram a reflexão positiva sobre esse território. Mesmo quando uma criança fez uma brincadeira preconceituosa e pergunta “se a macumbeira morreu”, sobre o falecimento da matriarca, a indignação e o protesto de todos(as) prevalecem, solicitando uma mediação. Demonstraram respeito e sensibilidade ao comparecer ao velório da Dona Wanda, solidarizando com os familiares. Um aprendizado para toda a equipe que refletiu a importância do projeto ao verificar as mudanças de atitudes das crianças, ao desconstruir estereótipos e ressignificar as relações sociais.

---

<sup>7</sup> Coleção Terras de Quilombos Minas Gerais. Comunidade Quilombola Mangueiras.

*“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminam; lutar pela diferença sempre que a igualdade nos descaracterize.”*

*Boaventura Sousa Santos*

## **5. A KIZOMBA**

Kizomba é uma palavra de origem africana, do quimbundo, língua banto, significa “festa”, e um estilo musical de Angola, a partir dos anos 1980. A escolha do nome do projeto Kizomba” como a exaltação da raça, a festa da diversidade, foi discutida a partir da composição do samba-enredo do cantor Martinho da Vila, “Kizomba, a festa da raça”. A abertura do projeto utilizou a música com a performance de um grupo de estudantes.

A formação dos profissionais da EMSHA, em 2010, utilizando o material do projeto “A Cor da Cultura”, com os kits de cultura afro adquiridos pela biblioteca, foi fundamental para refletir, planejar e executar ações, tendo como parâmetro a Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas do Brasil. Os educadores foram desafiados a estudar, refletir e analisar a história africana e como a cultura do povo negro africano contribuiu nos aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos na formação da sociedade brasileira. Nesse aspecto, considerando a população negra brasileira, como a maior fora da África, é importante que a escola desenvolva o projeto Kizomba objetivando desconstruir preconceitos, estereótipos e discriminações que inferiorizam o grupo negro e suas manifestações culturais e religiosas, buscando ressignificar conceitos, conteúdos e saberes importantes que valorizem a questão étnico-racial e os sujeitos em sua diversidade racial. "O conhecimento sobre raça e etnia incorporado no currículo não pode ser separado daquilo que as crianças e os jovens se tornarão como seres sociais". (SILVA, 1999, p.102).

A compulsoriedade da lei implica à escola uma atuação coletiva baseada em princípios norteadores que fundamentam a prática pedagógica voltada para uma educação antirracista e inclusiva. Dar voz a culturas que historicamente foram inviabilizadas, negadas e segregadas é garantia de cidadania, de rompimento com a estrutura de "poder dominação", é sinônimo de respeito às tradições e expressões próprias do pertencimento racial. "O dever do Estado de garantir direitos aos coletivos segregados deverá ser mais radical quando os seus direitos humanos são mais negados." (ARROYO, 2015, p.24).

O sucesso da mostra, com apresentações artísticas e da capoeira, desfile da beleza negra; o continente africano, a influência na cultura brasileira e os países de língua portuguesa; a religião de matriz africana; murais; exposição sobre o Quilombo Mangueiras e exposições de trabalhos desenvolvidos no ano de 2010 consolidou a Kizomba como referência de projeto institucional da

escola. O projeto passou a ser realizado a cada ano, em novembro, valorizando culturas negadas, em parceria com o Quilombo Mangueiras e evidenciando as lideranças negras da região, sempre com temáticas em consonância com a diversidade e com participação efetiva da comunidade escolar no dia do evento. A culminância do evento é celebrada com um almoço coletivo cujo cardápio é a feijoada.

A escola, a cada ano renova os quadros docente e discente, daí a importância de discutir em reuniões pedagógicas o projeto Kizomba e planejar as atividades a partir da temática definida. A equipe do PEI, geralmente, participa mais efetivamente do planejamento e das ações e articula com direção, coordenações, professores e funcionários. Por trabalhar de forma mais flexível e aberta com os (as) estudantes de todos os ciclos, esses grupos mesclados, identificam-se com as atividades culturais diversificadas das oficinas: apropriam-se de conceitos que os fazem refletirem as falas preconceituosas e estereotipadas presentes no cotidiano escolar, por meio da dança, da capoeira, da percussão, da informática, da intervenção artística, da educação ambiental sustentável e cidadania.

Neste ano, a quantidade de alunos novatos na escola, no sexto ano alcançou um número elevado, o que possibilitou uma grande quantidade de matriculados no PEI. Ao chegarem à escola, no sexto ano, as relações interpessoais entre os estudantes apresentam comportamentos preconceituosos. As expressões racistas "macaco", que desumaniza e "macumbeiro", que deprecia a religião de matriz africana, são reproduzidas como forma de agressão, ofensas ao outro e desqualificação da cultura africana. São conflitos que configuram uma representação do imaginário da sociedade brasileira, construída historicamente com base no escravismo colonial e que moldou o indivíduo, em sua prática social cotidiana, racializada e racista.

Pensando a escola como referência de uma instituição voltada para o entendimento das manifestações das culturas humanas diversas, no espaço de garantia do acesso e permanência de sujeitos e o seu desempenho pedagógico qualitativo, convivendo e aprendendo num ambiente escolar inibidor de preconceitos, discriminações raciais e intolerâncias, apresentei a proposta aos profissionais da escola para trabalhar a mostra de 2019, com a temática, Kizomba: desconstruindo estereótipos e combatendo o racismo.

A abordagem da temática étnico-racial, presente e discutida com o grupo da escola e trabalhada como conteúdo multidisciplinar com os alunos, durante o ano letivo, proporcionou reflexões e interações. Nestas abordagens, realizar o trabalho de campo para conhecer o Quilombo Mangueiras, entendendo a comunidade como referência socioambiental e ponto de partida para estudar a história da África e do povo negro brasileiro em sua afrodescendência, é fundamental.

É nítido o constrangimento de um grupo de educandos (as) em falar da comunidade de Mangueiras. Muitos revelam desconhecimento e outros preconceitos, estereotipando a religião de matriz africana dos remanescentes quilombolas. O parâmetro deles para tal desqualificação é o som

dos instrumentos musicais, principalmente do tambor, quando dos rituais da religião na comunidade, que ecoa em todo o entorno das moradias próximas ao quilombo.

Nesse aspecto, o entendimento de termos e conceitos que possibilitem dialogar, debater e ressignificar as relações sociais e raciais do sujeito é fundamental. Identidade, etnia, raça, diversidade, preconceito, estereótipo, discriminação e racismo são conceitos que bem construídos na ação pedagógica contribuirão para positivar atitudes de respeito à diversidade étnico-racial entre os educandos e educandas. Como ressalta a pesquisadora Nilma Lino Gomes:

A escola tem um papel importante a cumprir nesse debate. Os (as) professores (as) não devem silenciar diante de preconceitos e discriminações raciais. (...) devem cumprir o seu papel de educadores (as), construindo práticas pedagógicas de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. (GOMES, Nilma, 2005).

Trabalhar com o grupo de estudantes do sexto ano, no sentido de desconstruir toda forma de prática discriminatória, entendendo o racismo estrutural como concepção que deriva à efetivação de preconceitos, é essencial. Refletir e combater atos segregadores e excludentes nas relações sociais e interpessoais é função da escola, principalmente da equipe do PEI, que convive integralmente com esse indivíduo racializado, vivendo em condições de subalternização que, sem conhecimento, acaba reproduzindo crenças e valores estereotipados. (...) "as instituições que não tratem de maneira ativa e como problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como 'normais' em toda a sociedade". (ALMEIDA, 2018, p.37).

A adoção de práticas pedagógicas antirracistas, considerando a "equidade étnico-racial", é essencial na ampliação do conhecimento de estudantes para que possam interferir positivamente e democraticamente nas relações interpessoais e sociais. Provocar reflexões para distensionar, analisar e historicizar trajetórias, territórios e culturas, valorizando as diferenças e as diversidades, são importantes ações para ressignificar conceitos e concepções racistas. Para Frantz Fanon (2008), "a luta contra o racismo é uma luta para entrar na dialética do eu e do outro, no âmbito das interações sociais, à razão e ao conhecimento" (p.16).

Figura 10 - Desenho para o convite da Kizomba 2019



(Fonte: Arquivo Pessoal)

A partir da reunião pedagógica em que apresentei aos professores da escola e a equipe do PEI o meu plano de ação, exigência do curso, Educação, Diversidade e Intersectorialidade, com a temática Kizomba: desconstruindo estereótipos e combatendo o racismo, o professor de artes juntamente com os (as) estudantes da manhã, desenvolveram desenhos, dos quais o docente selecionou os quatro melhores para que fosse escolhido pela escola a melhor arte para estampar a blusa a ser feita para a Kizomba 2019. O desenho acima foi o selecionado, representa crianças africanas e o chapéu em estilo da etnia Zulu. A ideia, a partir do trabalho desenvolvido pelo professor de arte, Joselito, foi criação da estudante do nono ano, Thais Vitória, com tipografia da estudante Flaviane, do oitavo ano.

Para a elaboração da Kizomba, as reuniões pedagógicas, que ocorrem mensalmente, são essenciais para professores, educadores e demais profissionais se organizarem, discutirem propostas, ideias e refletirem sobre o desenvolvimento das etapas do projeto com os(as) estudantes. A biblioteca da escola é a principal referência para a literatura étnico-racial. O acervo de livros, filmes, jogos, revistas e documentários é bem qualificado e estão disponíveis para toda a comunidade escolar. O laboratório de informática é um importante instrumento tecnológico para atividades lúdicas e de pesquisa para os estudantes. As oficinas do PEI, além de desenvolver atividades específicas para a mostra, fazem interlocuções com professores, quando solicitados, buscando interações e trocas que possibilitem potencializar os(as) estudantes em suas apresentações no mês da “Consciência Negra”.



*“Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.”*

*Guimarães Rosa*

## **6. TRABALHANDO O ANTIRRACISMO – DIALOGANDO COM TERMOS E CONCEITOS**

O espaço escolar é de aprendizado, interlocuções, interações, em que as relações interpessoais entre os sujeitos se apresentam em várias situações de conflitos sociais e escolares, inerentes à condição humana, mas também reflete, diversas vezes, a ressonância do pensamento preconceituoso, estereotipado e racista da sociedade, construída a partir da lógica colonial, patriarcal e capitalista. A reprodução desse pensamento se dá através de ações e expressões de “rejeição verbal”, brincadeiras e agressões físicas entre os estudantes observadas em salas de aulas, pátios e espaços de oficinas.

No pátio, no horário do recreio ou almoço do PEI, ao observar a convivência diária dos (das) alunos (as), percebo a prática da hostilidade racial presente, pois estão mais livres de uma tutela mais próxima para acompanhá-los individualmente. Os conflitos tornam-se mais latentes, principalmente com pré-adolescentes do sexto ano, pois não têm maturidade para respeitar as divergências nas atividades recreativas, sejam elas futebol ou jogos pedagógicos. Os insultos são disparados e a ofensa desumaniza, ao referir a cor da pele do outro, principalmente dirigidas aos negros de fenótipo radical. Situações dessa expressão verbal preconceituosa são constatadas em sala de aula, razão de comentário de professores e também de reclamação dos estudantes. Selecionei, aqui, alguns exemplos de falas hostis racialmente entre estudantes do sexto ano e participantes do PEI que tornaram objetos para esse estudo:

- **EVIDÊNCIA 1:** A professora de Ciências relatou que duas alunas lidas socialmente como brancas chamaram um colega negro de “macaco” por ele ter “mexido” com elas. A professora interveio, no momento, trabalhando o conceito de raça humana, mas sentiu necessidade de pedir a minha intervenção na situação de racismo.
- ✓ **MEDIAÇÃO:** Chamei os envolvidos e fiz com que refletissem sobre a situação de conflito que levou a tão graves falas e desrespeito, fazendo-os entenderem que o racismo desnaturaliza e desumanizam. Eles se desculparam e passaram desde então a ter uma convivência pacífica e respeitosa.
- **EVIDÊNCIA 2:** Uma aluna do PEI do sexto ano procurou-me porque três colegas colocaram apelidos nela: Boneca Momo e Boneca Vodú. Ela dizia não conseguir dormir. Outra colega que a acompanhava, estava indignada e dizia que isso era "macumba". A partir de uma brincadeira de um aluno da sala com ela, as colegas não a defenderam, riram da

brincadeira preconceituosa. Ela ficou muito chateada com as "amigas". Pediu para eu intervir.

- ✓ **MEDIAÇÃO:** Apenas uma das colegas era do PEI, mas fiz a intervenção no primeiro horário com as três na biblioteca. Uma delas, negra, disse que também tinha passado por preconceito quando alguém a desenhou como se fosse uma boneca vodu. Refletimos todas juntas sobre preconceito, estereótipos e como o racismo se apresenta de forma negativa na vida de cada uma delas, a desumanização e a invisibilidade. Observei, no horário do recreio, que a situação já tinha se resolvido. Brincavam e sorriam para mim, como se quisessem dizer: "tudo resolvido".
- **EVIDÊNCIA 3:** Um educador presenciou uma discussão de alunas do sexto ano, lidas socialmente como brancas, que divergiram de sua colega negra e quando o irmão interveio, foi chamado de “macaco” por uma das estudantes. O educador comunicou-me o fato relatando que tinha dado uma ocorrência exigindo a presença do responsável.
- ✓ **MEDIAÇÃO:** Reuni e conversei com o grupo envolvido por duas semanas na biblioteca, com rodas de conversas, trabalhando conceitos que positivaram as relações interpessoais, pesquisando personalidades negras e trabalhando a identidade racial através de relatos sobre os familiares. Os responsáveis dos irmãos e da aluna que proferiu a ofensa, declaradamente negros, convocados, compareceram à escola e conversamos sobre o episódio. O pai da menina ofensora ficou incomodado e repudiou a fala da filha, comprometendo-se a conscientizá-la sobre o respeito a todos e refletir sobre a descendência negra dos seus familiares. Quanto aos responsáveis dos ofendidos, chegaram bravos e indagando a razão dos filhos estarem participando do grupo em que a autora da injúria estava. Ao ouvir do trabalho que estava fazendo sobre desconstruir estereótipos, combate ao racismo e a importância de grupo refletir junto sobre as hostilidades, a identidade étnico-racial e melhorarem as relações interpessoais, eles acalmaram e a mãe relatou que o casal de filhos que brigavam muito em casa e ofendiam-se racialmente juntamente com o pai, pararam com as ofensas, compreendendo e agradecendo pelo trabalho que estávamos desenvolvendo. Essa mãe passou a ter uma postura menos agressiva com a coordenadora de turno da tarde, quando era convocada pelo chamado dos professores, em razão de seus filhos praticarem indisciplina em sala de aula. A coordenadora agradeceu-me muito pela mudança de comportamento da mãe, que ao comparecer à escola não apresenta mais uma postura agressiva.
- **EVIDÊNCIA 4:** Uma estudante negra, do sexto ano e com deficiência física na mão, procurou-me denunciando duas colegas da sala de aula, por fazerem brincadeiras preconceituosas comparando-a com a boneca vodu.

- ✓ **MEDIAÇÃO:** Reuni as três estudantes e elas relataram as versões do conflito. No primeiro momento, as duas que praticaram as ofensas negaram, entretanto no decorrer da mediação, suas argumentações não tiveram como se sustentar, pois a colega ofendida foi veemente na acusação. Duas delas são lidas socialmente como negras e uma é branca. Ficaram envergonhadas quando as fiz refletirem sobre o pertencimento racial, a simbologia da boneca de forma estereotipada e a prática de racismo com a colega. Pediram desculpas e não praticaram mais hostilidade racial. O trabalho desenvolvido pela nossa equipe tem potencializado os estudantes hostilizados a se fortalecerem em seu pertencimento racial, denunciando qualquer tipo de preconceito, além de conscientizar os agressores a estabelecerem relações interpessoais e sociais de entendimento, de diálogo, de respeito e de cultura de paz.
- **EVIDÊNCIA 5:** Um estudante do sexto ano, negro, relatou-me que não gostava do cabelo crespo, quando lhe perguntei o porquê de sempre usar boné. Ele não gostava da sua cor e nem do seu cabelo. Era uma negação ao seu fenótipo negróide e ao pertencimento racial.
- ✓ **MEDIAÇÃO:** Mostrei imagens, pesquisamos e trabalhamos mosaicos de personalidades negras e a valorização do cabelo crespo através de cortes estilizados, com desenhos, tranças ou natural “Black”. Esse estudante me motivou e toda a equipe do PEI a pensarmos numa oficina de corte e desenhos artísticos nos cabelos dos meninos e oficina de beleza para as meninas, cabelo e maquiagem, trabalhando autorretratos, valorizando a diversidade étnico-racial. O estudante, do sexto ano, após a oficina, não tem usado boné na escola, está mais feliz, sorridente e declara-se “apaixonado” por uma estudante do oitavo ano.
- **EVIDÊNCIA 6:** O falecimento da matriarca do Quilombo Mangueiras trouxe consternação a toda a escola, principalmente à equipe do PEI e aos estudantes. Com as visitas para conhecer a comunidade e desenvolver a capoeira, em apresentações nesse território, a relação ficou cada vez mais estreita e afetiva. Ao saberem do falecimento, as crianças ficaram tristes, mas um menino fez um comentário, no seu grupo, em tom jocoso, ao dizer: “A macumbeira morreu”?
- ✓ **MEDIAÇÃO:** Os estudantes não gostaram da brincadeira, ficaram indignados com a fala do colega e exigiram retratação, “denunciando-o” a mim, para eu conversar com ele. Ao dialogar com ele questionei o porquê da fala tão debochada. Ele me disse ser evangélico. Dialogamos sobre religiosidade, espiritualidade, fé e o respeito a partir da escolha de cada um na compreensão da vida. A resposta do grupo foi a mais emocionante e bonita que poderiam dar para aquele tipo de brincadeira: irmos todos ao velório demonstrar solidariedade à família da matriarca e de um colega de sala deles que é quilombola. O

estudante retratou-se, pedindo desculpas da brincadeira hostil, e espontaneamente participou do momento coletivo de consternação do grupo, comparecendo ao quilombo.

Ao perceber tal comportamento de hostilidade entre os pares, faz-se necessária a mediação e estratégias que desconstroem a opressão e a violência, dialogando e propondo ações e intervenções pedagógicas que restabeleçam a compreensão das inter-relações do agressor e o oprimido. Segundo Santomé (1995):

Uma educação libertadora exige que se leve a sério os pontos fortes, experiências, estratégias e valores dos membros dos grupos oprimidos. Implica também ajudá-los a analisar e compreender as estruturas sociais que os oprimem para elaborar estratégias e linhas de atuação com probabilidades de êxito. (SANTOMÉ, 1995, p.171)

Figuras 11, 12 e 13 - Trabalhando o kit literário.

FIGURA 11



FIGURA 12



FIGURA 13



(Fonte: Arquivo Pessoal)

As estratégias para mediação dos conflitos entre os estudantes do sexto ano deu-se a partir de uma relação dialógica entre os pares, familiares e de forma coletiva. Além dessa mediação, foi fundamental a elaboração de ações propostas e dirigidas para que toda a equipe do PEI pudesse atuar com os (as) estudantes, desenvolvendo atividades que potencializassem os (as) educandos (as) para situações de aprendizagens, favorecendo uma reflexão sobre as atitudes hostis. O conteúdo a ser trabalhado passa a ser uma ferramenta importante para a garantia da circulação de conhecimentos, a ressignificação das relações interpessoais das crianças, além de incentivar o protagonismo na mostra étnico-racial, denunciando o racismo e valorizando a cultura negra.

As formações da equipe do PEI tornaram-se uma estratégia essencial para qualificar os educadores para desenvolver as oficinas com os (as) estudantes de acordo com o planejamento traçado. Apresentei dinâmicas, vídeos, filmes, kit étnico-racial de literatura infantojuvenil, brincadeiras africanas, rodas de conversas, aulas expositivas, palestras, visitas ao Quilombo Mangueiras e a Exposição dos Quilombos Urbanos. Eles se sentiram mais seguros e preparados na realização das oficinas temáticas com as crianças. A equipe relatou que o trabalho potencializou os

(as) estudantes a não aceitarem brincadeiras hostis ou injúria racial. Quando ocorriam situações que pudessem gerar conflitos, com termos pejorativos, o grupo chamava a atenção do (a) colega, desconstruindo os estereótipos.

Figuras 14, 15 e 16 - Formação dos educadores do PEI.

FIGURA 14



FIGURA 15



FIGURA 16



(Fonte: Arquivo Pessoal)

As Leis 10639/03 e 11.645/08 foram trabalhadas através da leitura e rodas de conversas, com os estudantes, do kit de literatura afro-brasileira e indígena, identificando e comparando essas culturas em suas semelhanças: oralidade, circularidade, religiosidade, ancestralidade, ludicidade, musicalidade, memória, corporeidade, comunitarismo e energia; elementos essenciais na constituição étnica do povo negro e indígena. A autoidentificação de dois meninos como descendentes de indígenas da etnia pataxó foi surpreendente e provocou uma discussão no grupo sobre estereótipos e pertencimento racial, principalmente quando foram ao Quilombo Mangueiras fazer uma apresentação de capoeira aos (as) estudantes indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), visitantes daquela comunidade. Eles ficaram surpreendidos por encontrar representantes de várias etnias com características de fenótipos diferentes do que imaginavam. Os livros do kit e as leis foram importantes instrumentos para a circulação de saberes, debates sobre pertencimento racial, racismo e identificação do personagem e escritora em um dos livros e como ex-estudantes da escola.

Figura 17 e 18 - Dialogando com a diversidade de etnias indígenas.

FIGURA 17



FIGURA 18



(Fonte: Arquivo Pessoal)

No livro *Meu Avô Africano*, de Carmen Lúcia Campos, a ancestralidade foi trabalhada a partir da diáspora africana para o Brasil e a história e tradições da cultura africana, através das seguintes temáticas: resistências quilombolas, diversidade do continente, conhecimento, religiosidade, estética, culinária, musicalidade e dança, vestuário, literatura e vocabulário. Um aplicativo do continente africano com a manipulação do atlas geográfico deu a dimensão dos países, da diversidade e do retrato territorial da África. O exercitar diário da capoeira e as rodas de conversas no Quilombo Mangueiras dialogaram com as resistências, religiosidade, culinária, vocabulário, música e saberes ancestrais. As oficinas da beleza, para meninos e meninas, potencializaram a estética afro-brasileira. O referencial literário e o aplicativo possibilitaram oficinas interativas, dinâmicas, enriquecedoras, solidárias e educativas.

Figuras 19, 20, 21, 22 e 23 - Oficinas temáticas.

FIGURA 19



FIGURA 20



FIGURA 21





FIGURA 22



FIGURA 23



(Fonte: Arquivo Pessoal)

A roda de conversa com Inácio da Ressurreição Mambona Luemba, originário de Angola, país africano de língua portuguesa, doutorando da UFMG, trouxe mais conhecimentos a todos (as), sobre uma África atual, diversa e rica culturalmente. Entender *etnia* como uma identidade racial de grupos étnicos com características semelhantes e que agregam culturas, tradições e territórios foi um aprendizado importante para o grupo que ouvia e participava ativamente da conversa com Inácio que exemplificava a sua fala a partir da sua origem. Relatou diferenças e semelhanças entre o seu país e o Brasil, a sua cultura, demonstrou através de alguns ritmos dançantes a Kizomba angolana e cantou algumas músicas que motivaram a participação dos estudantes. Fez um relato forte do quanto a nossa sociedade tem uma visão estereotipada e negativa do continente africano e o racismo que é praticado por fenótipo, no nosso país, inclusive vivenciado por ele (relato em anexo).

Figuras 24, 25 e 26 - Roda de Conversa com Inácio.

FIGURA 24



FIGURA 25



FIGURA 26



(Fonte: Arquivo Pessoal)

A roda de conversa com Patrícia Prado, autora do livro “Pedrinho, o menino albino“ possibilitou trabalhar conceitos e termos importantes para a identidade racial: *raça* como referência da modernidade em que estabelece categorias de seres humanos – Pedrinho albino e a mãe negra; *preconceito racial* como uma concepção e juízo baseado em rótulos a indivíduo ou

grupo racializado – Pedrinho sentindo-se triste pelas brincadeiras por ser diferente; *estereótipos* como forma de rotular e inferiorizar – Pedrinho chora ao ouvir brincadeiras por sua cor. Através do livro, algumas surpresas maravilhosas foram relatadas a todos: a escritora foi minha aluna na escola, sua formação acadêmica, passou pela ciência da religião e educação com pós-doutorado. Mora na comunidade, no entorno da escola e Pedrinho, o personagem do seu livro também foi aluno da EMSHA. A simplicidade e a história de vida da Patrícia provocaram curiosidade, reflexões e encantou os (as) estudantes. Quando relatou que passou seis meses no Líbano fazendo a sua pesquisa e sofreu *racismo*, causou espanto a todos. Ela se autodeclarava parda, mas ao ser lida socialmente como negra, naquele país, conscientizou-se sobre o seu pertencimento racial e identidade negra. “Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”. (GOMES, 2005, p. 42)

Figuras 27, 28 e 29 - Roda de conversa com a escritora Patrícia.

FIGURA 27



FIGURA 28



FIGURA 29



(Fonte: Arquivo Pessoal)

As rodas de conversas com os convidados Inácio e Patrícia foram importantes estratégias para trabalhar conceitos e termos, desconstruindo estereótipos negativos de forma leve, numa linguagem acessível, participativa e interativa com as crianças, possibilitando reflexões em suas relações interpessoais.

O livro “Meu crespo é de rainha”, de bell hooks foi fundamental na estratégia para elaborar a oficina temática de estética afro-brasileira e provocou a discussão de conceitos, tais como, *estigma* - quando a sociedade estabelece como as pessoas devem ser, atribuindo marcas depreciativas, marginalizando indivíduos; e racismo – baseado na hostilidade racial, discriminação sistemática em função de características biológicas; fenótipo (traço físico, cor de pele, tipo de cabelo) e étnico-cultural.



Trabalhando corporeidade, cor de pele e tipo de cabelo, por meio do livro, valorizou-se a diversidade, o cabelo crespo e potencializaram-se os meninos e meninas negras. A oficina de beleza, estética afro-brasileira, originou-se a partir da negação de pertencimento racial de um estudante e o trabalho com o livro.

Os meninos cortaram os cabelos e estilizaram com desenhos na cabeça. O corte de cabelo foi feito por três cabeleireiros, voluntários, da comunidade que passaram uma manhã e uma tarde no espaço escolar. Para as meninas, a nossa equipe encarregou-se de trançar, cachear e soltar os cabelos, valorizando os crespos, além de ensinar a maquiar de acordo com o tom de pele, tendo a contribuição da professora de educação física e doação de maquiagem por professores e direção.

O autorretrato foi consequência da oficina que deixou todos com a autoestima elevada. Espelhos, papel, lápis e giz de cera cor de pele, fotografia do antes e depois fizeram a composição da oficina.

Figura 30, 31, 32, 33 e 34 - Oficina de estética afro-brasileira e autorretrato.

FIGURA 30



FIGURA 33



FIGURA 31



FIGURA 34



FIGURA 32



(Fonte: Arquivo Pessoal)

*“Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro.”*

*Rubem Alves*

## **7. O FAZER PEDAGÓGICO**

A Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação das Relações Étnico-Raciais obrigam as escolas municipais de Belo Horizonte a desenvolverem, em seu cotidiano, ações educativas que construam práticas sociais antirracistas, valorizando a vida em sua dimensão ética e plural, respeitando a diversidade cultural e oportunizando, a educandos e educadores, estudos na promoção da equidade e da democracia racial.

A fase exploratória constituiu-se de etapas para a abordagem com os sujeitos da pesquisa. A direção da escola acolheu o documento da universidade, assinou ciente do plano de ação que eu desenvolveria na escola, assim como possibilitou a conversa com os responsáveis dos estudantes, com os meus pares, os educadores e os estudantes participantes do PEI, do sexto ano.

A equipe do PEI foi a primeira a saber da pesquisa, pois as ações seriam planejadas e desenvolvidas junto às oficinas, na preparação para apresentação do trabalho na Kizomba. Para preparar os educadores, fiz formação com eles, utilizando vídeos de respeito à religião de matriz africana, de bullying e de racismos, atlas da violência 2019 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), textos, imagens, os kits de literatura afro-brasileira e indígena, palestras, brincadeiras com a amarelinha africana teca, filmes, discutindo e debatendo os conceitos da temática e visitamos o Centro de Referência Lagoa do Nado na Exposição: Quilombos Urbanos e a Resistência. Todas essas atividades foram também trabalhadas com os estudantes.

A direção da escola, junto com a coordenação, convocou uma reunião com os responsáveis pelos estudantes do sexto ano, à noite, pois todos eram novatos na EMSHA. A receptividade foi ótima. Uma das mães, em particular, posicionou-se contrária ao seu filho fazer a capoeira, mas não se opôs a ida dele ao quilombo para conhecer o território e assinou autorizando, mesmo sabendo que falaríamos de religião de matriz africana, sendo ela evangélica. Aqueles que não compareceram à reunião puderam assinar depois, pois entreguei o formulário para os estudantes levarem e trazerem assinados.

Figuras 35 e 36 - Reunião com os responsáveis dos estudantes do sexto ano.

FIGURA 35



FIGURA 36



(Fonte: Arquivo Pessoal)

Na reunião pedagógica com professores e coordenações também coloquei a pesquisa e todos passaram a desenvolver os trabalhos para a Kizomba a partir da temática da pesquisa, Kizomba: desconstruindo estereótipos e combatendo o racismo. Logo, sugestões, pesquisas e levantamento da materialidade para as atividades passaram a ser pauta das reuniões pedagógicas.

Figura 37 - Reunião pedagógica com professores.



(Fonte: Arquivo Pessoal)

Os professores pediram uma formação para um sábado letivo, o que foi prontamente autorizado pela direção. A bibliotecária e eu agendamos com a Professora Rosa Margarida que fez a formação “Diversidade, diferença, currículo e práticas escolares na educação básica: dialogando com a BNCC” (Base Nacional Comum Curricular) para todos os profissionais da escola. O professor de artes da manhã se incumbiu de produzir, com os oitavos e nonos anos, os desenhos relacionados com a temática para serem o convite e a estampa da blusa do evento. E todos passaram a se organizar em áreas afins para pesquisarem, refletirem e produzirem, em todos os turnos para apresentações artísticas ou exposições.

Figuras 38, 39 e 40 - Formação com a Professora Rosa Margarida.

FIGURA 38



FIGURA 39



FIGURA 40



(Fonte: Arquivo Pessoal)

A observação dos estudantes nos horários dos recreios, das oficinas e do almoço foi essencial para mapear gestos, agressões verbais ou físicas que se apresentaram como atitudes preconceituosas e hostilidades raciais entre eles. Alguns professores relataram também falas racistas em sala de aula, no sexto ano. Todas as situações que chegaram a meu conhecimento possibilitaram a minha mediação com os estudantes e os responsáveis, além de discussão na equipe e com professores para trabalhar enfaticamente o planejamento na desconstrução de práticas negativas que depreciam e desumanizam outro ser humano.

Os estudantes selecionados para a pesquisa foram divididos em três grupos: os que moram próximos ao quilombo, os que residem mais distantes e os que apenas conhecem o local. O questionário socioeconômico-cultural foi aplicado na sala de informática através do formulário Google Forms. Dei aulas expositivas de Introdução à história da África e atividades com o kit literário afro-brasileiro, mapa interativo, onde estão os Países da África na sala de informática com o uso do atlas geográfico, pesquisando os países de língua portuguesa e relacionando os atuais países à diáspora africana a partir do século XVI. Na roda de capoeira, no quilombo, trabalhamos circularidade, religiosidade, comunitarismo, oralidade, corporeidade, brincadeiras, memória e ancestralidade. Nessas atividades, dois estudantes relataram a descendência indígena de etnia pataxó, pois se identificaram com esses princípios comuns entre a cultura negra e indígena.

O Quilombo Mangueiras foi o território negro selecionado para o trabalho de campo, após o contato com as lideranças, onde as rodas de conversas, as rodas de capoeira e o caminhar pelas trilhas na mata de preservação permanente serviram de roteiro para as visitas com os estudantes que se sentiram à vontade e participaram ativamente das atividades. Os saberes construídos no desenvolvimento do trabalho possibilitaram a reflexão sobre a história de luta do quilombo, a diversidade religiosa na comunidade, o resgate da afrodescendência a partir da religião de matriz

africana e a preservação da natureza que os cerca, como princípio fundamental da vida e da resistência negra.

Na pesquisa sobre personalidades negras, selecionamos 13 mulheres negras, para a montagem de mosaicos. Elas foram importantes nos movimentos de resistência feminista e representam a mulher pela libertação da opressão e da violência a que foram ou são submetidas diariamente. A criação dos mosaicos refletiu as desigualdades raciais através da interseccionalidade. São elas: Dona Ivone Lara, Nina Simone, bell hooks, Marielle Franco, Elza Soares, Sueli Carneiro, Chimamanda, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Djamila Ribeiro, Maya Angelou, Angela Davis e uma homenagem em memória da matriarca do Quilombo Mangueira, Wanda de Oliveira. Essa atividade constituiu-se de um trabalho de pesquisa que valorizou o conhecimento, a arte, a estética e a beleza da mulher negra como referência positiva para as estudantes do sexto ano.

Figuras 41, 42 e 43 - Oficina de mosaicos.

FIGURA 41

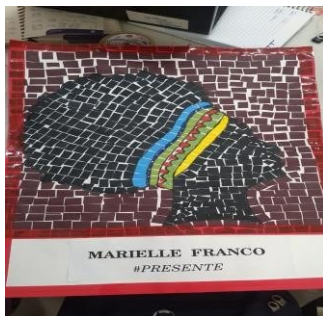


FIGURA 42



FIGURA 43



(Fonte: Arquivo Pessoal)

A oficina de estética afro-brasileira trouxe à escola cabeleireiros da comunidade, voluntários, que cortaram e estilizaram os cabelos dos meninos com desenhos. As meninas soltaram os cabelos lisos, cacheados ou crespos, deixando-os naturais ou trançados e foram maquiadas. Essa oficina envolveu toda a equipe, as educadoras e a professora de educação física cuidando dos cabelos e maquiando as meninas. A fotografia do antes e depois e o autorretrato produziram alegria e valorizaram a autoestima de todos (as) os (as) estudantes.



Figuras 44, 45, 46, 47, 48 e 49 - Oficina de estética afro-brasileira e autorretratos.

FIGURA 44



FIGURA 45



FIGURA 46



FIGURA 47



FIGURA 48



FIGURA 49



(Fonte: Arquivo Pessoal)

Figuras 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 e 58 - Oficina de maquiagem e autorretratos.

FIGURA 50



FIGURA 51



FIGURA 52



FIGURA 53



FIGURA 54



FIGURA 55



FIGURA 56

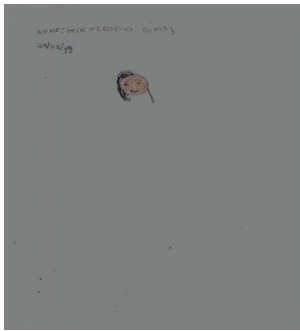


FIGURA 57



FIGURA 58



(Fonte: Arquivo Pessoal)

O professor de karatê desenvolveu um teatro com um grupo de estudantes sobre Yasuki, um escravizado de origem moçambicana, com o nome Makua, que se tornou o primeiro e único samurai africano, no Japão do século XVI. Ser nomeado samurai era uma honraria para poucos japoneses.

O grupo também criou um jogo de tabuleiro (Kroaton) com personagens de magia, bem criativo e didático. Eles produziram todo o material, o que gerou uma motivação para praticar e interagir com os personagens. Um dos participantes usou a expressão “macumba” numa das fases do jogo e foi repreendido pelos (as) colegas, tendo que se retratar, sem a mediação do docente responsável. O professor ficou emocionado de ouvi-los rejeitando a forma pejorativa de se expressar do colega. A maneira natural com que a situação foi conduzida pelos (as) estudantes caracterizou a desconstrução de estereótipos.

As rodas de conversas, com o doutorando da UFMG, natural de Angola, Inácio e da pós-doutora Simone, foram essenciais e contribuíram na ressignificação de conceitos e passaram a ser referências positivas nas relações étnico-raciais, na diversidade cultural, religiosa e de novos conhecimentos para os nossos pré-adolescentes e educadores.

A partir do exposto, selecionei alguns procedimentos e instrumentos metodológicos que a partir da investigação construíram a produção de informações, tendo como referencial o diário de campo. Observar as práticas educativas dos (as) estudantes possibilitou analisar, planejar e construir atividades diversificadas e apropriadas para as reflexões do estudo.

### 1) Abordagem com os sujeitos da pesquisa:

- Recorte e definição do grupo: alunos (as) do sexto ano do PEI/EMSHA;

- Apresentação do termo de consentimento para os responsáveis das crianças através de reunião pedagógica;
  - Representantes da Comunidade do Quilombo Mangueiras para a pesquisa de campo.
- 2) Aplicação do questionário semiestruturado, individual para melhor compreensão das características socioeconômico-culturais dos (das) educandos (as) do sexto ano, participantes do PEI-EMSHA, com 36 questões, utilizando formulário Google Forms, para traçar o perfil dos (as) estudantes:**
- Rodas de conversa para debater as questões propostas no questionário.
- 3) Dinâmicas para trabalhar a história africana, afro-brasileira e o pertencimento racial dos educandos através do kit da literatura infanto-juvenil afro-brasileira e indígena:**
- Sensibilização com os (as) estudantes a partir da maquete do Quilombo Mangueiras.
- 4) Observação participante:**
- Coleta de informações relativas a ações das crianças com seus pares e educadores. Perceber como se relacionam;
  - Verificação da relação dos estudantes com o espaço escolar: pátio, biblioteca, cantina, oficinas e Quilombo Mangueiras através de visitas a comunidade;
  - Registro das atividades em que participam e as que retraem. A percussão é participativa.

Figura 59 - Oficina de Percussão.



(Fonte: Arquivo Pessoal)



### 5) Reconhecimento de Campo:

- Quilombo Mangueiras - explorando o território, fotografando, filmando, através de caminhadas, de rodas de conversas sobre a história e memória e a interação socioambiental;
- Verificar o interesse das crianças na visita à comunidade quilombola e a construção do pertencimento racial;
- Perceber se haverá estranhamento em relação à religiosidade de matriz africana quando entrarem no terreiro para a roda de conversa.

Em razão desses procedimentos, mapear atitudes estereotipadas, estabelecendo estratégias que ressignifiquem as práticas racistas e valorizem a diversidade, promovendo igualdade racial. Consentimento para desenvolver o plano de ação para a direção da escola, apresentação para a equipe do PEI e professores em reunião pedagógica.

*“A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.”*

*Hannah Arendt*

## CONCLUSÃO

Os (as) estudantes da EMSHA são de comunidades periféricas e de vulnerabilidade social. Pardos e pretos, em sua maioria, apresentam-se evidenciando as suas ansiedades e sofrimentos, manifestando a rejeição verbal através de hostilidades que geram conflitos importantes para a intervenção escolar. Exaltam-se expressando os seus preconceitos, estereótipos e o racismo, calcados e estruturados pelas circunstâncias históricas e naturalizados pela sociedade nas dimensões subjetivas e conjunturais do organismo social.

Pensar numa escola que busque o entendimento, que reflita sobre o seu papel social e dialogue dialeticamente com os atores que estão inseridos num espaço de conflitos é um exercício diário e complexo. Conhecer e reconhecer os territórios das moradias dos (as) estudantes e desenvolver conhecimentos da cultura local é uma forma de valorizar o sentimento de pertencimento e fortalecer as relações sociais e interpessoais na complexidade do ambiente escolar.

A reflexão sobre as relações interpessoais no ambiente escolar perpassa pela questão racial. Manifestações verbais hostis impactam o processo ensino-aprendizagem e podem ser potencializadas quando colocadas pelos sujeitos sociais em relação ao fenótipo ou à sua cultura. O trabalho desenvolvido por nossa equipe potencializou os (as) estudantes hostilizados a confrontar os agressores contra qualquer tipo de preconceito, fortalecendo seu pertencimento racial, ressignificando as relações interpessoais e sociais para o entendimento, o diálogo, o respeito e a cultura de paz.

Cabe à instituição educacional cumprir as Leis 10639/03 e 11645/08, investir na formação dos seus profissionais e trabalhar o ensino da África, a cultura afro-brasileira e indígena, entendendo o currículo como flexível e que absorva projetos antirracistas.

(...) a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afro-brasileira e africana.” (GOMES, Nilma, 2012, p. 105).

A Kizomba foi institucionalizada na EMSHA desde 2010 e possibilita um fazer pedagógico, trabalhando a pluralidade, a diversidade e a questão étnico-racial como centralidade. O projeto estimula direção, coordenações, professores, educadores e profissionais da escola a propor

estratégias de enfrentamento das práticas colonizadoras e racistas que subalternizam e invisibilizam os (as) estudantes.

O PEI faz a articulação escola e cidade, o que pressupõe apropriar dos territórios de aprendizagens, das manifestações culturais locais e do município, dos espaços museais e de lazer, proporcionando mais conhecimentos, trocas de experiências e saberes, vivências e emoções que transformam seres humanos em sujeitos de direitos. Como nos orienta Nilma Lino Gomes:

Tudo isso diz respeito ao reconhecimento da nossa igualdade enquanto seres humanos e sujeitos de direitos e da nossa diferença como sujeitos singulares em gênero, raça, idade, nível socioeconômico e tantos outros. Refere-se também aos conflitos, choques geracionais e entendimentos das situações-limite vivenciadas pelos estudantes das nossas escolas, sobretudo aquelas voltadas para os segmentos empobrecidos da nossa população. (GOMES, Nilma, 2012, p.105).

A parceria escola e Quilombo Mangueiras não só legitima o projeto Kizomba, como também apresenta o território como um espaço de aprendizagem que qualifica o conhecimento de todos e desconstrói estereótipos. Ao visitar a comunidade, as reflexões sobre religiosidades, memória, ancestralidade, natureza e racismo fizeram-se presentes nas rodas de conversas com os (as) estudantes que se aproximam e passam a ter uma afetividade com a comunidade, denunciando o racismo, emocionando-se e solidarizando-se com o colega e os familiares da comunidade quando do falecimento da matriarca do quilombo, dona Wanda.

A mostra produzida para a Kizomba traduziu o caminho percorrido por essa pesquisa. Os resultados demonstraram que a prática pedagógica é uma prática social relevante e fundamental na desconstrução de preconceções, estereótipos negativos e de combate ao racismo. As atividades foram construídas a partir das interações e relações que se pautaram na diversidade racial e étnico-racial, na valorização de cultura afro-brasileira e indígena e propiciou aos envolvidos reflexões, ressignificações de conceitos e conhecimentos que prepararam os estudantes a entenderem que são sujeitos que aprendem e ensinam, num exercício importante de democracia, cidadania, princípios fundamentais nas relações interpessoais, sociais e de ensino-aprendizagem.

Quando a escola se propõe a ser instituição socializadora, ela se legitima num modelo laico, solidário e de integração, com a função social de favorecer a coesão social, levar ao pertencimento. Para isso, é importante um currículo que valoriza a cultura, a democracia, a cidadania, a equidade e capaz de propor a mediação dos sujeitos: docentes, discentes e comunidade escolar. Sob esse aspecto, o "diálogo", a "flexibilidade" e a relação de "mutualidade" fundamentam o ensino-aprendizagem e serve de arcabouço para refletir e reconstruir conhecimentos na sua intersubjetividade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Geografia, territórios étnicos e quilombos. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). **Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p.81- 96.

ARROYO, Miguel. **O direito à educação e a nova segregação social e racial: tempos insatisfatórios?** Educação em Revista, v. 31, n. 03, p. 15-47, 2015.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes curriculares municipais para a educação das relações étnico-raciais**. Belo Horizonte, 2013.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Educação Integral: Diretrizes Políticas Pedagógicas e Operacionais**, Belo Horizonte, 2015.

CANÁRIO, Rui. **A escola como construção histórica. O que é a escola? Um "olhar" sociológico**. Porto Editora. 2005, p. 59-88.

CANÁRIO, Rui. **A escola: das “promessas” às “incertezas”**. Disponível em <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5309-16751-1-SM.pdf>. Visualizado em 12 de setembro de 2018.

COSTA, Luciana Célia da Silva. **Quilombo de Mangueiras**. Coleção terras de quilombos, NUQ, Belo Horizonte: FAFICH, 2015.

DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília; (org.) GOMES, Romeu; NETO, Otávio Cruz. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. - Petrópolis: RJ, Vozes, ed. 21ª, 2002. 80p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Bahia: EDUFBA, 2008. 194p.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. 951p.

GOODSON, Ivor. **Etimologias, epistemologias e o emergir do currículo**. Currículo: teoria e história. Petrópolis: vozes, p. 29-44.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. - 1ª ed. - São Paulo: Claro/Enigma. 2015. - (Coleção Agenda Brasileira)

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005, p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Currículo sem fronteiras, v. 12, n.1, 2012, p.98-109.

GUIMARÃES, Marília Barcellos; MAIA, Carla Linhares; PASSADES, Denise B. M. Silva (organizadoras). **Educação integral: contribuições da extensão da UFMG.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. 379p.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Educação escolar em Minas Gerais: entre ausências e emergências.** Revista Brasileira, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, mai./ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a07.pdf>. Visualizado em nov. 2018.

MONTE ALTO, Rosana Lacerda; VASCONCELOS, Valéria Oliveira. **Pilares culturais de uma comunidade remanescente quilombola: diálogos com a Educação do Campo.** Revista de Educação - Horizontes, Itatiba, v. 32, n. 2, p. 43-54, jul./dez. 2014.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo.** São Paulo. Editora ática, 1993. 94p.  
LOPES, Nei. **História e cultura africana e afro-brasileira.** São Paulo: Barsa Planeta, 2008. [Biblioteca Barsa] 4ª ed, 2011.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa.** Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As culturas negadas e silenciadas no currículo.** In: SILVA, T.T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.* Petrópolis: Vozes, 1995. p.159-177.

SANTOS, Erisvaldo P. dos & PACHECO Iris. **O combate ao racismo religioso como luta política das religiões de matrizes africanas: Terreiros de candomblé e umbanda afirmam suas heranças em oposição à intolerância religiosa no Brasil.** Brasil de Fato. jan. 2018, São Paulo.

SILVA, Haldaci R. **Sabores da Casa, Sabedorias de Terreiros: práticas educativas e construção de saberes num terreiro de Teresina-Piauí.** 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2013.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes de identidade do negro brasileiro em ascensão social.** - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. 88p. (Coleção Tendências: v. 4)

THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia.** Tradução de Regiane Winarski. 5ª ed. Rio de Janeiro: Galera. Record, 2018.

VIDEIRA, Piedade L. **Criança Negra e discriminação étnica na escola e movimentos pela educação popular.** Revista Padê: Estudos em Filosofia, Raça, Gênero e Direitos Humanos, Brasília, v. 1, n. 2, jul./dez. 2007.

## APÊNDICE A – CRONOGRAMA DE ELABORAÇÃO DO PROJETO

<b>MÊS/ANO</b>	<b>DIA DO MÊS /ATIVIDADES</b>
<b>FEVEREIRO/2019</b>	<p>9 - Envio para o orientador da ACPP para análise do plano de ação entregue, de 1 a 5.</p> <p>23 - Retorno do orientador com as correções para serem feitas no plano de ação.</p>
<b>MARÇO/2019</b>	<p>9 - Encontro presencial com o orientador da ACPP (Análise Crítica da Prática Pedagógica) para consolidação do plano de ação.</p> <p>16, 23 e 30 - Aulas da disciplina "Pesquisa em Educação". Corrigindo e reescrevendo o plano de ação.</p>
<b>ABRIL/2019</b>	<p>01 e 02 - Sensibilização com os estudantes.</p> <p>04 - Encontro com os responsáveis das crianças do sexto ano/PEI para assinatura do termo de consentimento da pesquisa.</p> <p>06 - Encontro presencial com o orientador da ACPP para finalizar a elaboração da metodologia e o cronograma.</p> <p>09 a 30 - Observação das relações interpessoais dos estudantes nos espaços coletivos: pátio, biblioteca, cantina, nas aulas passeio e oficinas.</p>
<b>MAIO/2019</b>	<p>06 a 10 - Aplicação de questionários e levantamento dos dados coletados dos questionários e das observações dos participantes.</p> <p>06 - Organização dos estudantes em três grupos de acordo com o local onde moram: os mais próximos à comunidade quilombola, os que moram mais distante e os que apenas conhecem o quilombo.</p> <p>07 a 10 - Dinâmicas para a Introdução a história da África - conhecimento prévio dos alunos - analisando e desconstruindo estereótipos, preconceitos e combatendo o racismo.</p> <p>13 a 17 - Rodas de conversas sobre a autodeclaração racial, os apelidos sobre o pertencimento racial e os conceitos sobre as relações raciais trabalhados no questionário.</p> <p>20 a 30 - Dinâmicas a partir dos princípios da cultura africana e indígena ressignificando conceitos. Preparando os estudantes para o</p>

	trabalho de campo.
<b>JUNHO/2019</b>	<p>03 a 14 - Roda de conversa com um grupo de seis estudantes: cinco meninas e um menino. Uma das meninas em conflito com o menino, praticou "racismo", segundo o monitor, ao rotulá-lo de "macaco", este e a irmã, mais retintos que as meninas que apoiaram a agressora.</p> <p>15 - Conversa com os pais das vítimas e das meninas que agrediram ou apoiaram a agressão. Apoio integral dos pais ao trabalho da escola na desconstrução de preconceitos e combate ao racismo. Mãe das vítimas não entendeu no primeiro momento porque os seus filhos, as vítimas, faziam parte do grupo na desconstrução de preconceitos. Ao ser esclarecida sobre o trabalho, relatou que os irmãos pararam de brigar em casa e de se ofenderem racialmente, inclusive em relação ao pai.</p> <p>16- Visitas dos grupos ao Quilombo Mangueiras. Conhecendo a história, memória, a religiosidade, o território e a mata de preservação permanente.</p> <p>17 a 24 - Rodas de conversas refletindo a visita à comunidade quilombola de Mangueiras em sua importância histórica, racial e ambiental.</p> <p>25 a 28 - Análise do material coletado, das observações e produções dos estudantes.</p> <p>29 - Reuniões pedagógicas com os professores da escola, dialogando sobre a pesquisa, definindo a temática da Kizomba em novembro. Os planejamentos constituíram-se a partir da temática do objetivo do plano de ação - Kizomba: desconstruindo estereótipos e combatendo o racismo.</p>
<b>JULHO/2019</b>	01 a 12 - Apresentações do trabalho étnico-racial da escola, através do histórico da Kizomba e a parceria com a Comunidade Mangueiras, para os núcleos étnico-raciais das regionais de educação da PBH, no Quilombo Mangueiras.
<b>AGOSTO/2019</b>	01 e 02 - Formação para os monitores do PEI, na escola e na Exposição: Quilombos Urbanos e a Resistência Negra em BH, subsidiando com diversos vídeos e textos para a discussão, debates e propostas para

	<p>trabalhos a ser desenvolvidos para a Kizomba em novembro/2019.</p> <p>05 a 09 - Apresentações de vídeos para os alunos sobre a temática étnico-racial, trabalhando conceitos como preconceito, estereótipo, estigma, racismo estrutural, institucional, recreativo, religioso e bullying. Debates, discussões e sugestões de propostas para trabalhos a serem desenvolvidos e apresentados na Kizomba em novembro/2019.</p> <p>10 - Visitas com os estudantes para conhecer as trilhas.</p> <p>21- Roda de conversa com o angolano Inácio, estudante do doutorado da UFMG, com os alunos da EMSHA.</p> <p>25 - Visitas com os estudantes para conhecer as trilhas.</p> <p>26 – Oficina de corte e desenho em cabelo masculino com voluntariado de barbeiros da comunidade. Após o corte, os meninos fizeram o autorretrato.</p> <p>27 – Todos os alunos da manhã do PEI, monitores, coordenação, representantes de professores e direção representaram a escola, no velório da matriarca do Quilombo Mangueiras, Wanda de Oliveira. Fala de um estudante sobre a morte da “macumbeira” e a intervenção dos colegas repreendendo-o e denunciando a brincadeira desrespeitosa.</p> <p>29 – Oficina da beleza, estética afro-brasileira, para os meninos: corte e estilização do cabelo com desenhos. Para as meninas: valorização do cabelo crespo, natural, cacheados e liso, tranças e maquiagem de acordo com os tipos de peles. Fotografaram o antes e depois e produziram o autorretrato. A oficina potencializou os (as) estudantes. O estudante Ricardo parou de usar boné. A estudante Hellen cortou o cabelo bem curto, tirou a química que queimava o seu couro cabeludo e adota o cabelo natural. Ficou mais vaidosa, usa bandanas coloridas e enfeites no cabelo, brincos e maquiagem.</p>
	<p>12 – Aula Passeio com os alunos do sexto ano no Centro de Referência Lagoa do Nado para visita da Exposição: Quilombos</p>

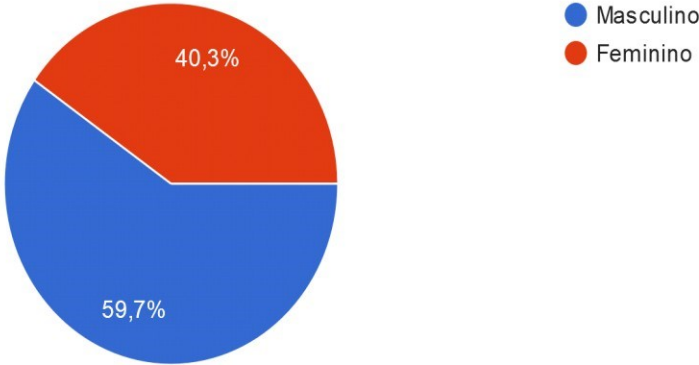


<b>SETEMBRO/2019</b>	<p>Urbanos e a Resistência Negra. Aluno Riquelme respondendo sobre a pergunta da monitora: O que é um Preto Velho? “Uai, é um negro idoso”. Monitora apresentando a bacia sobre o cuspir e minha intervenção sobre os meus avós e tios ao lado do fogão a lenha mascarando fumo, limpando os dentes. O esclarecimento aos nossos estudantes que o painel que estava representando o Quilombo Mangueira foi pintado pela nossa escola quando da produção de material da Kizomba em 2011.</p> <p>25 – Roda de conversa com a ex-aluna da EMSHA, escritora Patrícia Simone Prado, com os alunos em parceria com a biblioteca.</p>
<b>OUTUBRO/2019</b>	<p>01 a 15- Elaboração de material para exposição – Mosaicos de feministas negras – fotografias</p> <p>20 a 30 - Ensaaios para as apresentações artísticas.</p>
<b>NOVEMBRO/2019</b>	<p>01 a 05/ 26 a 30 - Ensaaios para as apresentações artísticas.</p>
<b>DEZEMBRO/2019</b>	<p>07 - Apresentação do Plano de Ação à banca da FAE – UFMG</p> <p>14 - Apresentação da Kizomba. - Seminário de encerramento</p>

**APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO APLICADO COM OS ALUNOS (AS) DO 6º ANO DA EMSHA – GRÁFICOS E RESPOSTAS ABERTAS**

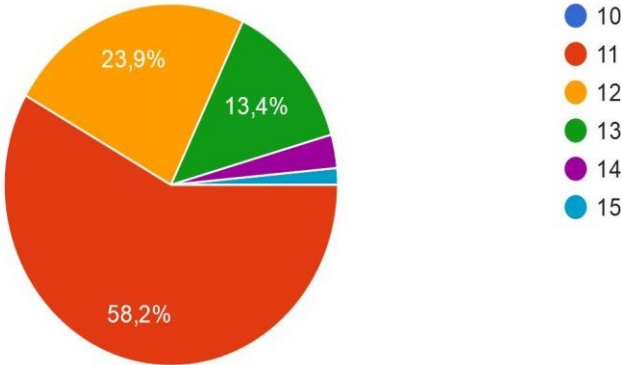
**SEXO**

67 respostas



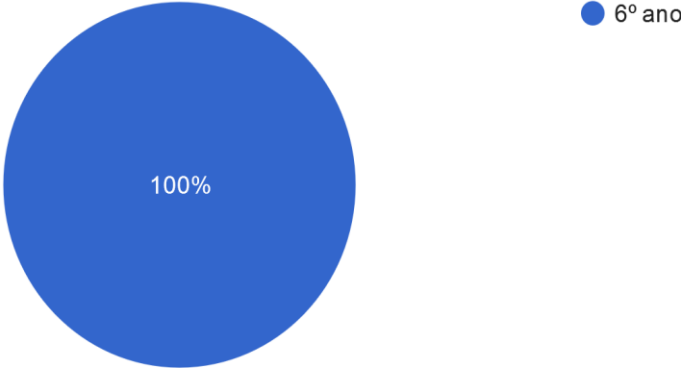
**IDADE**

67 respostas



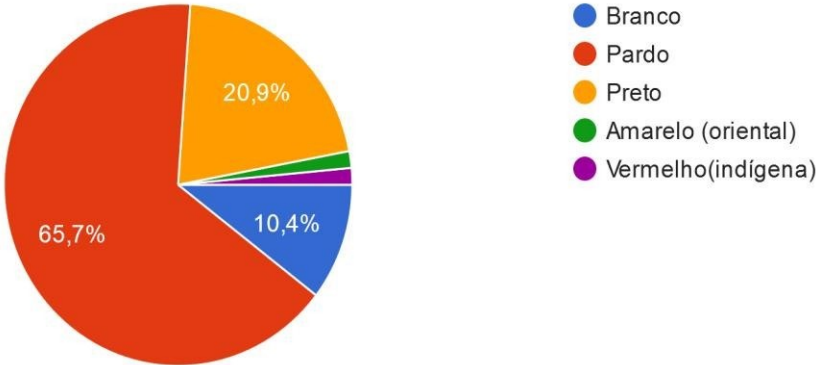
### QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

67 respostas



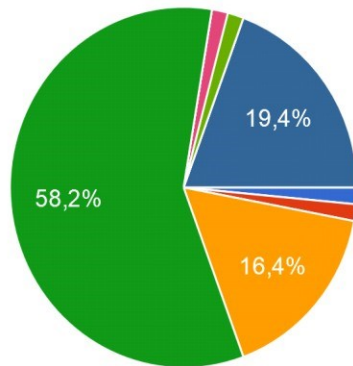
### EM RELAÇÃO À COR DA PELE, VOCÊ SE CONSIDERA

67 respostas



## EM RELAÇÃO À RELIGIÃO, VOCÊ DIRIA QUE É:

67 respostas

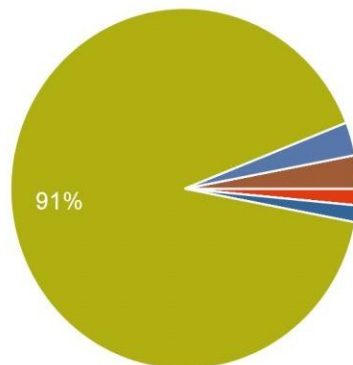


- Ateísta (Não acredita que exista...
- Agnóstico (não tem certeza se d...
- Católico
- Protestante (Evangélico, Batista,...
- Espírita Kardecista
- Praticante de religião Afro-brasile...
- Budista
- Mulçumano

▲ 1/2 ▼

## ESTADO DE ORIGEM

67 respostas

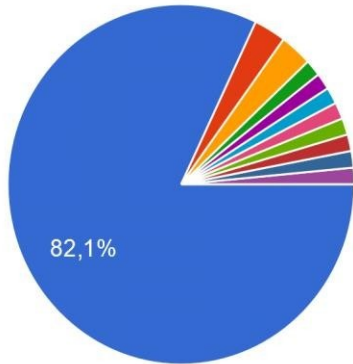


- Acre (AC)
- Alagoas (AL)
- Amapá (AP)
- Amazonas (AM)
- Bahia (BA)
- Ceará (CE)
- Distrito Federal (DF)
- Espírito Santo (ES)

▲ 1/4 ▼

### MUNICÍPIO DE ORIGEM

67 respostas

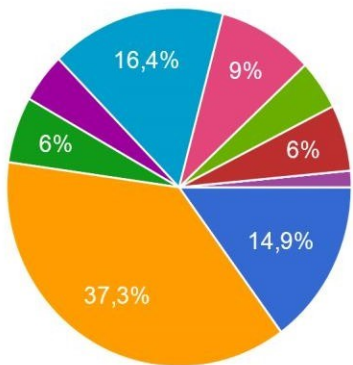


- BELO HORIZONTE
- CONTAGEM
- RIO DE JANEIRO
- SÃO PAULO
- SANTA LUZIA
- MATOZINHOS
- CORONEL FABRICIANO
- OLHO D'ÁGUA DO CASADO

▲ 1/2 ▼

### BAIRRO ONDE MORA

67 respostas

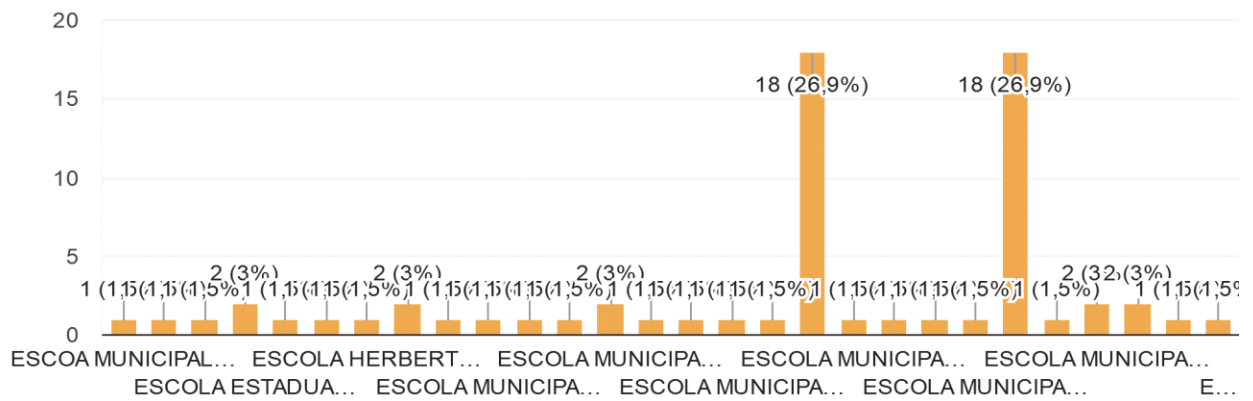


- Ribeiro de Abreu
- Conjunto Ribeiro de Abreu
- Novo Aarão Reis
- Monte Azul
- Maria Teresa
- Casinhas
- Novo Lajedo
- Casas Populares

▲ 1/2 ▼

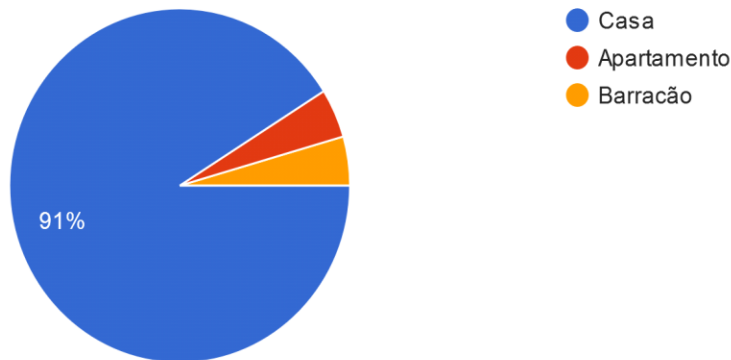
### A SUA ESCOLA ANTERIOR ERA:

67 respostas



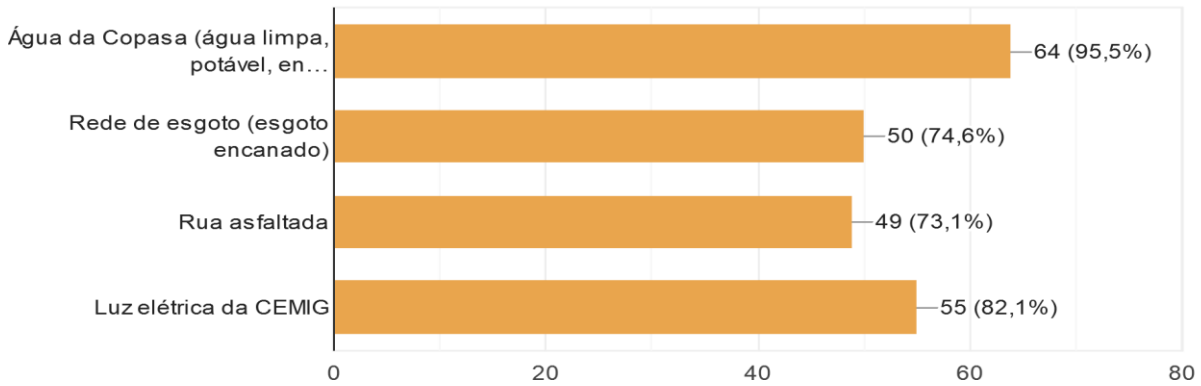
### QUAL É O TIPO DE SUA MORADIA?

67 respostas



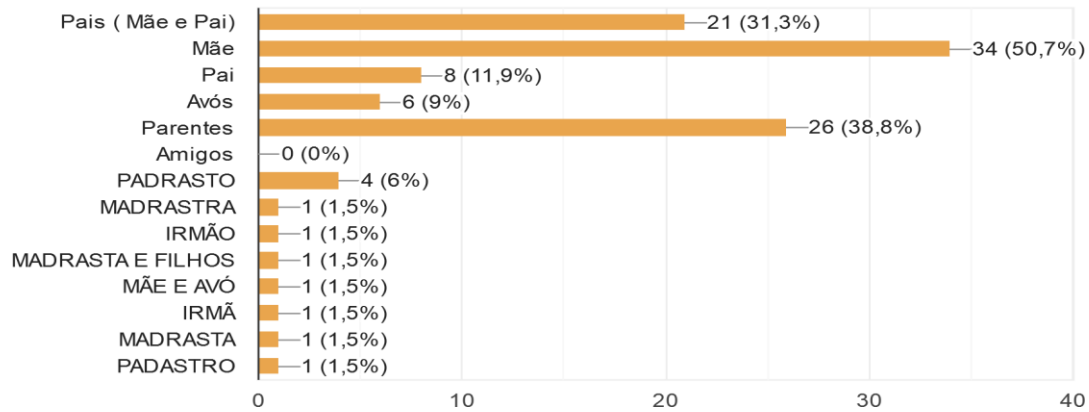
## ASSINALE TODOS OS SERVIÇOS PÚBLICOS EM QUE ENCONTRA-SE, O SEU DOMICÍLIO

67 respostas



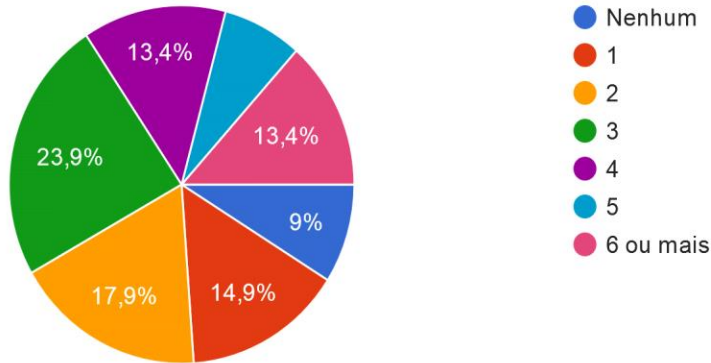
## COM QUEM VOCÊ MORA?

67 respostas



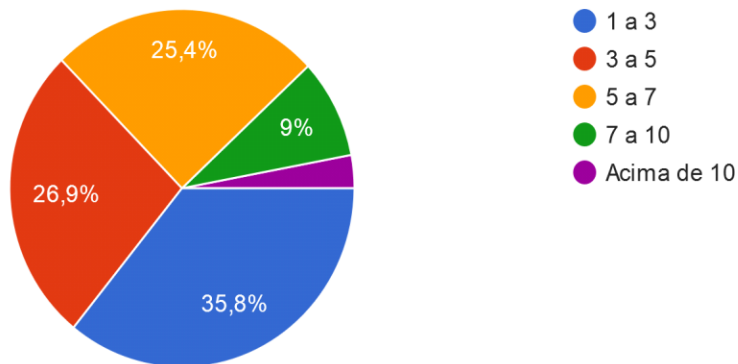
## QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM NO TOTAL?

67 respostas

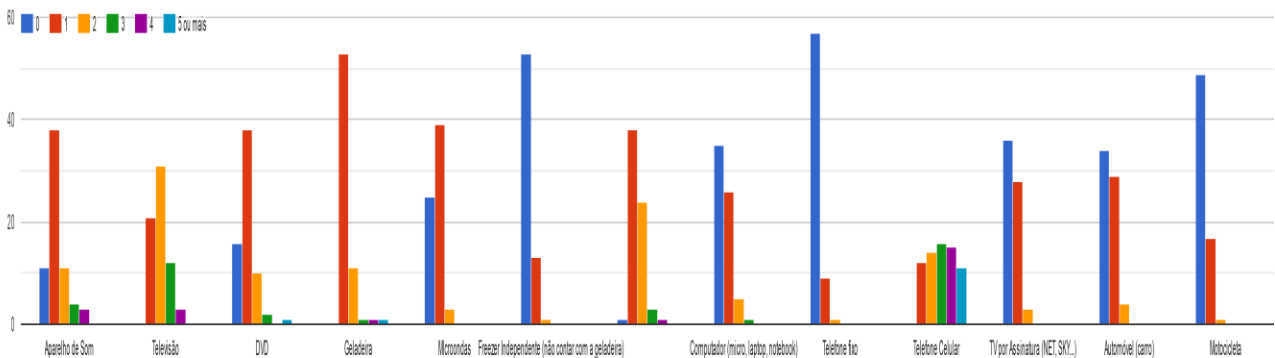


## QUAL A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE MORAM NA SUA CASA?

67 respostas



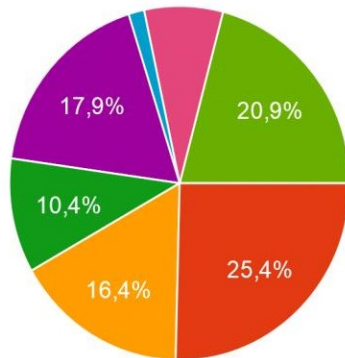
## NO SEU DOMICÍLIO HÁ (QUANTOS?):





## QUAL O GRAU MÁXIMO DE ESCOLARIDADE DA SUA MÃE ?

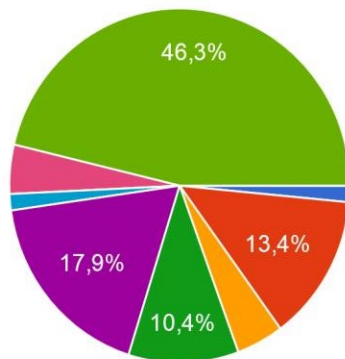
67 respostas



- Analfabeta
- Ensino Fundamental Incompleto ( estudou até no maximo 8º ano )
- Ensino Fundamental Completo ( concluiu o 9º ano)
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto (Não...)
- Ensino Superior Completo (acabo...)
- Desconheço

## QUAL GRAU MÁXIMO DE ESCOLARIDADE DO SEU PAI?

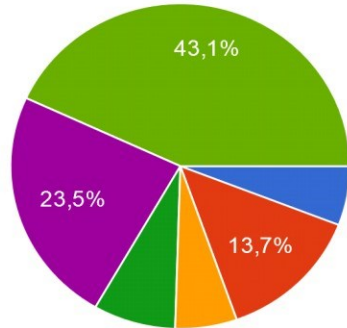
67 respostas



- Analfabeta
- Ensino Fundamental Incompleto ( estudou até no maximo 8º ano )
- Ensino Fundamental Completo ( concluiu o 9º ano)
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto (Não...)
- Ensino Superior Completo (acabo...)
- Desconheço

## QUAL O GRAU DE ESCOLARIDADE DO SEU RESPONSÁVEL, CASO NÃO SEJA SEUS PAIS?

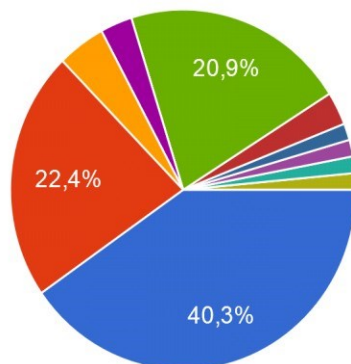
51 respostas



- Analfabeto
- Ensino Fundamental Incompleto ( estudou até no máximo 8º ano )
- Ensino Fundamental Completo ( concluiu o 9º ano)
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto (Não...)
- Ensino Superior Completo (acabo...)
- Desconheço

## QUAL O TRABALHO DO SEU RESPONSÁVEL?

67 respostas

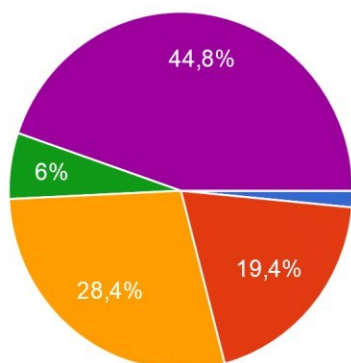


- Empregado assalariado (trabalha...)
- Empregado Doméstico, mensalist...
- Empregado que ganha por produ...
- Trabalha por conta própria, é aut...
- É dono de negócio, empregador (...)
- Trabalha em negócio familiar sem...
- Presta serviço militar obrigatório,...
- Desempregado (a)

▲ 1/2 ▼

## QUANDO CHEGA EM CASA, VOCÊ:

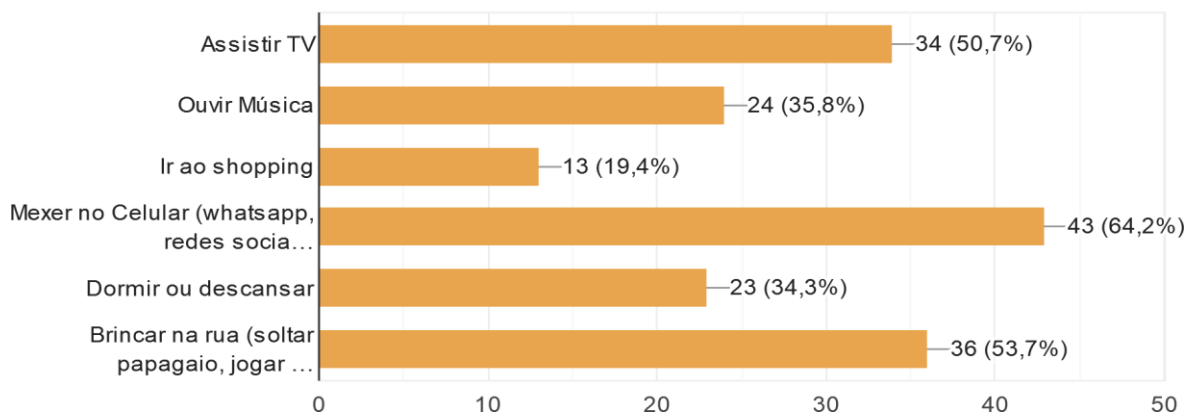
67 respostas



- Apenas estuda
- Ajuda nas tarefas domésticas
- Ajuda nas tarefas domésticas e estuda
- Não faz nada
- Brinca, joga, assiste TV
- Não ajuda em nada

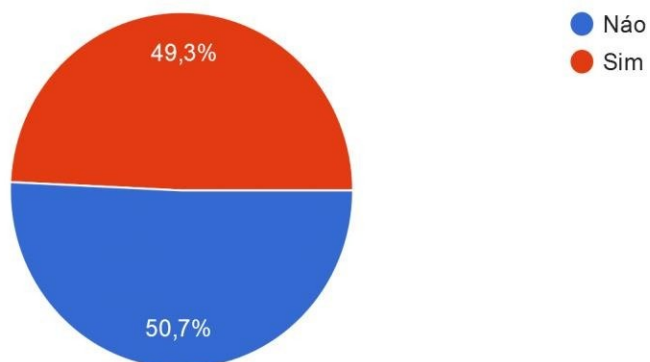
## EM SEU MOMENTO DE LAZER, O QUE GOSTA DE FAZER?

67 respostas



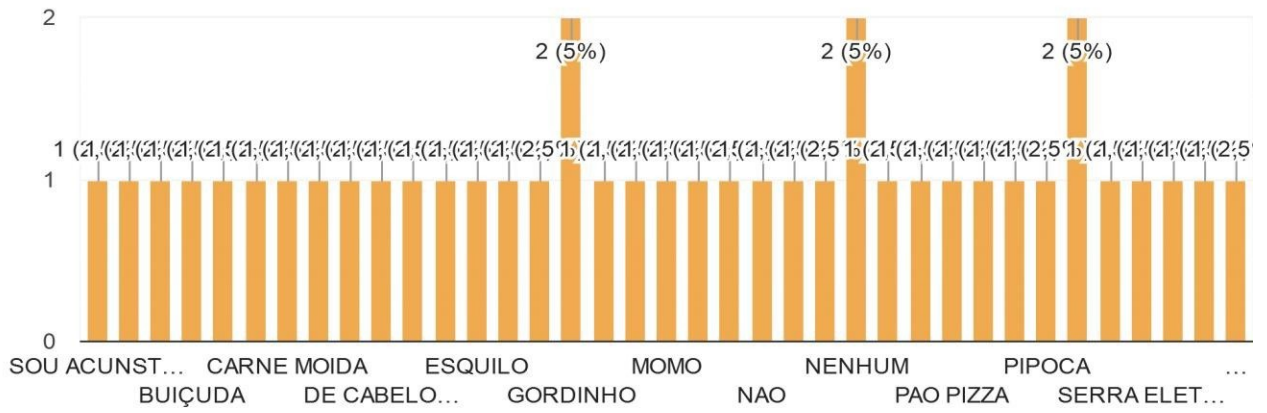
## VOCÊ TEM ALGUM APELIDO QUE NÃO GOSTA?

67 respostas



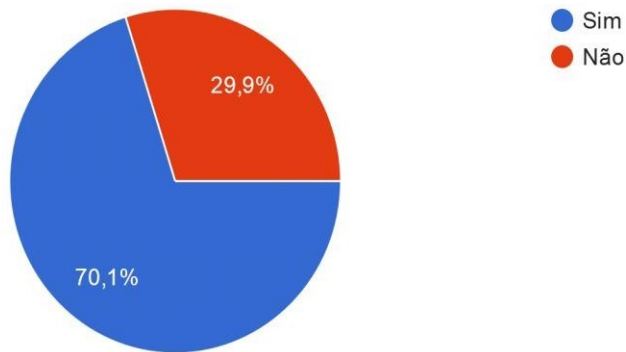
### QUAL?

40 respostas



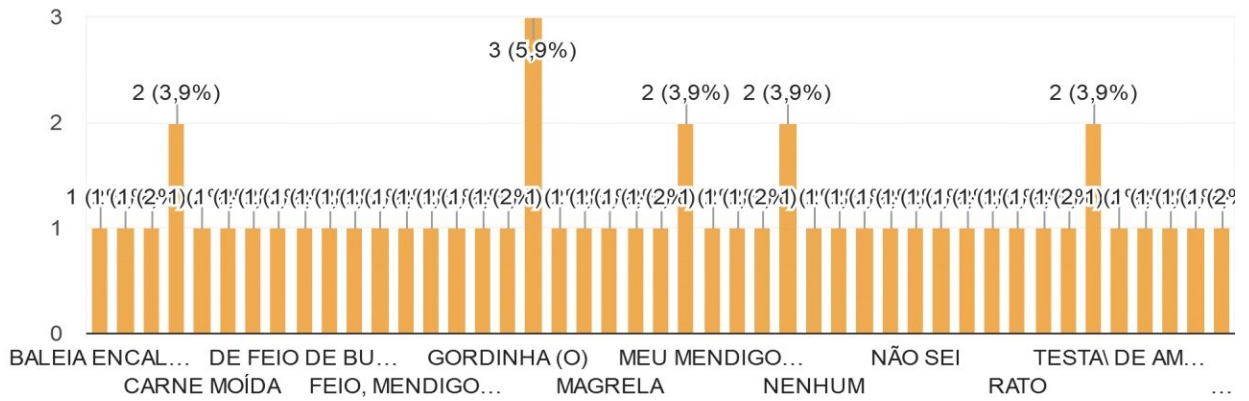
### VOCÊ JÁ COLOCOU APELIDO EM ALGUÉM?

67 respostas



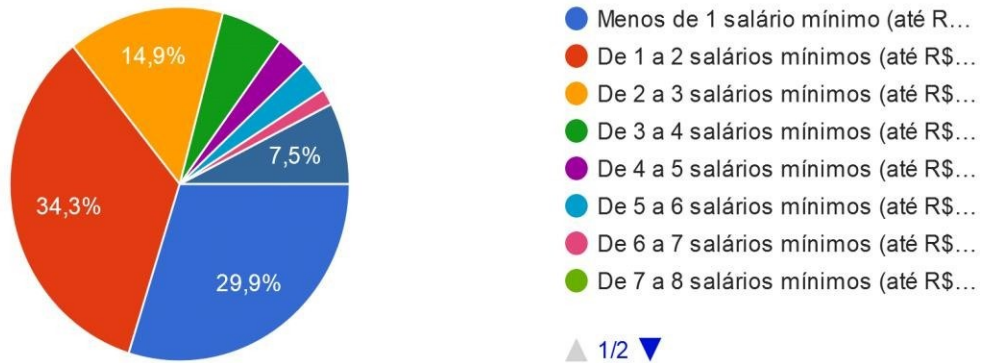
### SE "SIM", QUAL?

51 respostas



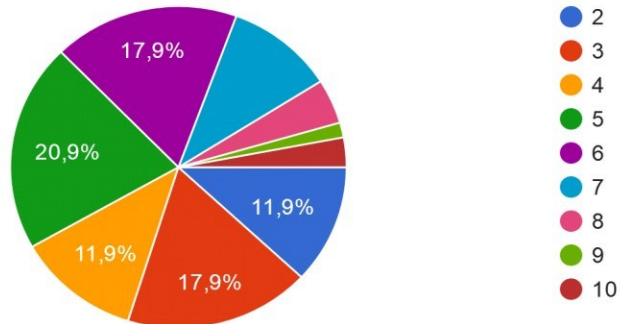
### QUAL É A RENDA MENSAL FAMILIAR?

67 respostas



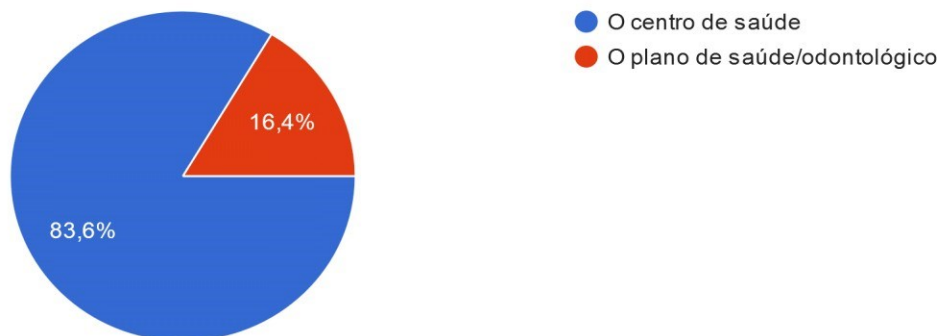
## QUANTAS PESSOAS (CONTANDO COM VOCÊ) VIVEM DA RENDA DA SUA FAMÍLIA?

67 respostas



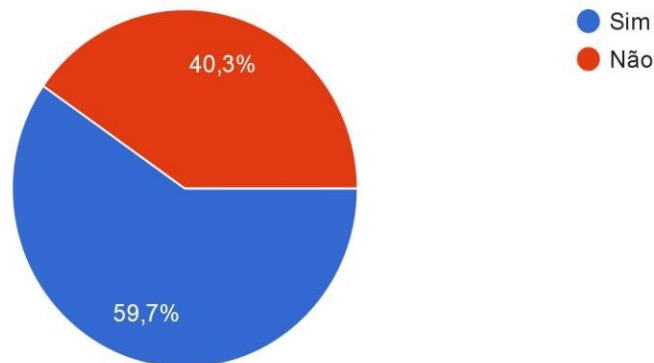
## VOCÊ E/OU SUA FAMÍLIA QUANDO PRECISA DE UMA CONSULTA MÉDICA OU ODONTOLÓGICA, SEMPRE PROCURA ?

67 respostas



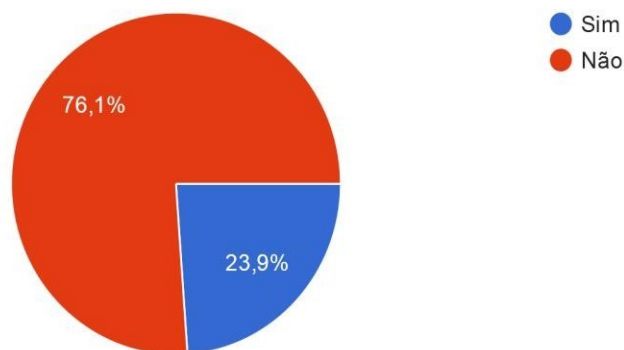
## VOCÊ CONHECE O QUILOMBO MANGUEIRAS?

67 respostas



## JÁ FREQUENTOU O QUILOMBO MANGUEIRAS?

67 respostas



## O QUE VOCÊ SABE OU OUVIU FALAR DO QUILOMBO MANGUEIRAS?

- Não sei
- Que tem mangas
- Que lá é de macumba
- Que dizem por aí que eles fazem macumba
- Macumba
- Muito espaço e muitas árvores
- Que lá tem várias casas
- Nada
- Lá tem muita manga
- Que eles batem tambor
- Eu já ouvir falar que lá é igual aqui fora não tem nada de diferente lá
- Era para onde os escravos se refugiavam
- Que vende coco
- Que lá algumas pessoas fazem macumba

- Que lá e uma área ambiental
- Já ouvi falar que lá tem uma religião diferente
- Lá eles fazem macumba
- Que lá abriga descendentes de escravos
- Eu sei que eles jogam capoeira
- E um espaço bom de conviver.
- Nada
- Ouvi falar que lá tem macumba
- Nada
- Sim já ouvir.
- Nada
- Que lá e muito antigo
- Que tem um mangal
- Nada
- Nada
- Nunca fui
- Nada
- Tem muitas matas
- Eu já ouvir falar que tem um terreiro de macumba
- Que lá tem um rio
- Nada
- Já ouvir que tem muitos negros, e que todos de lá são muito próximos
- Nada
- Que lá eles lutam capoeira, tem frutas
- Que lá tem manga
- Que e igual aqui fora
- Que lá faz macumba e joga capoeira
- Que lá tem centro de macumba
- Tem manga
- Nada
- Já ouvir falar que lá tem muitos negros
- Que lá tem muito espaço e muitas arvores
- Nada
- Sim já ouvir fala que lá tem macumba
- E não
- Que lá tem muita macumba
- Que tem muitas plantações
- Nunca fui
- Eu sei que tem um rio
- Nada
- Que lá faz macumba
- Não lembro ou não sei
- Que lá tem muitas pessoas que gosta de capoeira
- Que lá tem uma mata muito grande
- Que lá tem muita planta



- Nunca ouvi falar nada
- Ninguém falou nada
- Nada
- Que lá é uma tribo
- Que lá é legal

## **DESCREVA O QUE SABE SOBRE PRECONCEITO**

- Eu acho uma coisa muito ruim
- Chama de preto e sem mãe
- Jugar a pessoa pela sua cor ou raça
- Que ele machuca os sentimentos das pessoas
- Preconceito e quando você faz bullying
- Julgar a pessoa sem conhecer
- E discriminação
- Julgar as pessoas pela sua cor ou raça
- Chamar a pessoa de macaco
- Alguma coisa que você faz e a outra pessoa não gosta
- Preconceito é uma coisa muito ruim e preconceituosa.
- Preconceito e jogar o outro pela cor
- É um jeito de discriminar
- O preconceito faz as pessoas até mesmo se suicidar e ele e zoar as pessoas por sua aparência física
- Preconceito e uma coisa muito ruim para todos
- E uma pessoa que faz piadinhas com os colegas que ele não gosta
- Zuar as pessoas
- Preconceito e uma discriminação sem nem conhecer
- Eu sei que e mais ou menos igual ao racismo
- Julgar as pessoas sem conhecer
- Não ficar chamando a pessoa por apelido que não gosta
- Quando chama alguém de preto
- Julgar o próximo
- Colocar apelido no outro
- E quando uma pessoa zua a outra
- Julgar a pessoa sem saber
- Coisa ruim que as pessoas fazem
- Branco e negro
- Julgar a cor dos outros
- Jugar as pessoas sem conhecer
- Quando uma pessoa chama outra de preto
- Chamar a pessoa de preta
- Que magoa as pessoas
- É jeito de se achar melhor que o outro
- Bullingy fica batendo no outro
- Preconceito é julgar a pessoa porque ela é diferente

- Julgar as pessoas pela a sua cor e raça
- Quando alguém te zoa em voz alta
- A outra pessoa coloca apelido
- Que é zuar as pessoas pela sua cor
- Quando a pessoa põe apelido nos colegas. Não é coisa legal
- Que e discriminação
- Feio
- Desrespeito
- Preconceito é uma pessoa falar mal de outra pessoa
- Julgar a pessoa antes de conhecer
- Julgar as pessoas pela sua cor ou raça
- E jeito de fala do jeito da pessoa
- Julgar a cor do próximo
- Uma falta de respeito
- Quando você fala mal de uma pessoa não gosta
- Não sei
- Preconceito é jeito de se achar melhor que o outro
- Julgar as pessoas pela sua cor ou raça
- Chamar a pessoa do que ela não gosta
- Causa tristeza e até mortes
- Que é discriminação
- Preconceito e quando você fica chamando a pessoa de gorda e etc.
- Bullying
- Quando você chama a pessoa de qualquer coisa que ela não gosta
- Chamar a pessoa de negra, falar algo que a pessoa não gosta
- Xingar os outros
- É você julgar a pessoa e colocar apelido
- Chamar a pessoa de uma coisa que ela não gosta

### **DESCREVA O QUE SABE SOBRE DISCRIMINAÇÃO**

- Não sei
- Discriminar pessoa
- Colocar a culpa na pessoa sabendo que e inocente
- Não sei nada
- E discriminar uma pessoa
- Condenar a pessoa sem provas
- Discrimina pela cor
- Colocar a culpa na pessoa inocente
- Nada
- Um branco xingar um preto
- É uma coisa ruim de se fazer com as pessoas e muito feia.
- E quando a pessoa julga pela aparência
- Xingar de apelido
- E você expor e julgar os de feitos dos outros
- E uma coisa que um fala sobre o outro

- E quando você discrimina as pessoas
- Chamar as pessoas do que ela não gosta
- Discriminar a pessoas sem nem a conhecer
  
- E você discriminar uma pessoa
- Condenar as pessoas sem conhecer
- Desconfiar da pessoa
- Quando deixa alguém de lado por causa da cor
- Não sei
- Nada
- Fala mal de uma pessoa e não respeitar outra pessoa
- E julgar as pessoas
- Não sei de nada
- E quando você acusado
- Julgar os outros
- Não chamar outros de apelidos no outros
- Não sei
- Discriminar a pessoa sem ela saber
- Jugar as pessoas sendo que não foi ela ou ele
- É jeito de falar os defeitos das pessoas
- Nada
- Discriminação é não aceitar a pessoa
- Colocar culpa nas pessoas sem ter culpa
- Não sei
- Outras pessoas chamam a outra pessoa de negra etc.
- Discriminar as pessoas
- Quando você chama a pessoa de preto, negro, africano
- E quando você xinga uma pessoa e acusa a pessoa de alguma coisa que não aconteceu.
- Negro
- Pessoas mal-amadas
- Discriminação é não aceitar o jeito que a pessoa é
- Condenar a pessoa sem prova
- Colocar a culpa na pessoa inocente
- E jeito se achar melhor que o outro
- Você descriminar os outros
- Não sei
- Preta ou branca
- Não sei
- É jeito de só falar as falhas das pessoas e abaixar o astral das pessoas
- Julgar as pessoas sem ter provas
- É discriminar uma pessoa
- Não lembro
- E um crime
- Discriminação e ficar discriminando uma pessoa e ficar tirando uma pessoa
- Racismo

- Não sei o que é
- Não sei
- Falar uma coisa que a pessoa não fez
- É quando você julga sem saber
- Discriminar a pessoa pelo jeito, cor ou a maneira de se vestir

## DESCREVA O QUE SABE SOBRE RACISMO

- Não sei
- Chama de trouxa
- Desclassificar as pessoas pela a sua cor ou pela a sua raça
- Racismo é uma coisa que as pessoas sofrem e dói os sentimentos
- Você fala da pessoa ser branca, preta
- Discriminar a pessoa pela cor ou raça
- Excluir pela cor e religião
- Desqualificar as pessoas pela cor ou raça
- Julgar pela cor da pele
- Quando alguém xinga ou bate numa pessoa por causa da cor
- Racismo é uma coisa séria e pode dar até cadeia.
- Racismo e jogar o outro pela cor
- Falar sobre a cor
- E você fazer humilhações com as pessoas pela cor da pele ou raça
- Racismo é uma coisa que dá cadeia
- E quando você chama uma pessoa de preto
- Chamar a pessoa de preto
- Excluir as pessoas pela raça ou pala etnia
- E uma pessoa chamar a outra de macaco que e negro
- Desqualificar as pessoas sobre a cor ou raça
- Chamar de preto, chamar de doente
- Quando chama de negro
- Quando você xinga uma pessoa de preto e de macaco e leite azedo
- Xingar a pessoa pela cor e aparência
- Uma pessoa que desrespeita uma pessoa por causa da cor
- Racismo e zuar a pessoa do jeito q ela não gosta
- Falar mal da cor
- Chama a pessoa com que ela parece
- Chamar os outros de macaco, preto
- E chamar a pessoa de macaco
- Racismo e chamar uma pessoa de preta
- Chamar a pessoa de preto
- Racismo é uma coisa que sofre e a pessoa não aguenta e chora e isso é uma coisa errada
- Jeito de zombar da etnia das pessoas
- Nada
- Racismo é julgar a pessoa pela cor da pele ou cabelo

- Desqualificar a pessoa pela a sua cor ou raça
- Zoar a pessoa por causa da cor
- Apelido
- É um crime grave
- Quando você faz uma brincadeira de mal gosto que a pessoa não gosta. É uma coisa ruim
- Feia, gorda, magrela, etc.
- Filho sem mãe
- Absurdo
- Racismos é falar coisas ruins das pessoas
- Discriminar a pessoa pela cor ou raça
- Desqualificar a pessoa pela sua cor ou raça
- E do jeito da pessoa andar, pular.
- E racismo preto
- Uma falta de respeito
- Chamar a pessoa de preta
- Não sei
- E discriminação sobre etnia de pessoas
- Desqualificar as pessoas pela sua cor ou raça
- Chamar o colega de preto
- Julga as pessoas sobre o defeito dela
- Racismo e uma covardia que você faz com a pessoa
- Racismo ficar xingando a cor da pele, ficar zuando a cor da pele da pessoa
- Preconceito
- A mesma coisa que preconceito
- Falar alguma coisa que a pessoa não gosta e zoar ela
- Racismo alguém chama o outro de preto
- É quando você chama a pessoa de preto
- Julgar as pessoas pela cor ou raça

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO-CULTURAL**

Este questionário socioeconômico-cultural é para atualização do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Secretário Humberto Almeida (EMSHA) e base para coleta de dados para elaboração do Plano de Ação a ser desenvolvido na escola, na especialização Educação, Diversidade e Intersetorialidade da Professora Sonia dos Santos França.

**INSTRUÇÕES:**

- ❖ RESPONDER TUDO COM LETRAS MAIÚSCULAS (CAPS LOCK ATIVADO);
- ❖ SOMENTE ESCREVER NO CAMPO "OUTROS" QUANDO NÃO HOUVER OPÇÃO PARA SELECIONAR;
- ❖ ESTE QUESTIONÁRIO É UM DOCUMENTO, PORTANTO NÃO FAÇA ZOAÇÕES NAS RESPOSTAS;
- ❖ ATENÇÃO À ORTOGRAFIA, ERROS ORTOGRÁFICOS ALTERAM OS RESULTADOS. NA DÚVIDA DA ESCRITA, PERGUNTE AO PROFESSOR

**QUEREMOS SABER SOBRE VOCÊ****NOME COMPLETO**

RESPONDA COM LETRAS MAIÚSCULAS (CAPS LOCK, FIXA) ATIVADO

**1 -SEXO**

Marcar apenas um oval.

Masculino

Feminino

**2 - IDADE**

(Marcar apenas um oval)

10

11

12

13

14

15

**3 - QUAL A SUA ESCOLARIDADE?**

(Marcar apenas uma oval)

6º ano

**4 - EM RELAÇÃO À COR DA PELE, VOCÊ SE CONSIDERA**

(Marcar apenas uma oval)

Pardo

Branco

Amarelo (oriental)

Preto

Vermelho (indígena)

**5 - EM RELAÇÃO À RELIGIÃO, VOCÊ DIRIA QUE É:**

VOCÊ MARCARÁ APENAS UMA OPÇÃO. SÓ ESCREVERÁ SE A RELIGIÃO QUE VOCÊ PARTICIPA NÃO ESTIVER EM NENHUMA DAS OPÇÕES.

(Marcar apenas uma oval)

Judeu

Muçulmano

Prefiro não declarar

Protestante (Evangélico, Batista, "Crente", Mórmon, Calvinista, Luterano, Testemunha de Jeová, Adventista, ou outro)

Ateísta (Não acredita que exista algum deus)

Católico

Praticante de religião Afro-brasileira (Umbanda, Candomblé)

Agnóstico (não tem certeza se deuses existem ou não.)

Budista

Espírita Kardecista

**QUEREMOS SABER DE ONDE VOCÊ VEIO**

**6 - ESTADO DE ORIGEM**

VOCÊ MARCARÁ O ESTADO EM QUE NASCEU

(Marcar apenas uma oval)

Acre (AC)

Alagoas (AL)

Amapá (AP)

Amazonas (AM)

Bahia (BA)

Ceará (CE)

Distrito Federal (DF)

Espírito Santo (ES)

Goiás (GO)  
Maranhão (MA)  
Mato Grosso (MT)  
Mato Grosso do Sul (MS)  
Minas Gerais (MG)  
Pará (PA)  
Paraíba (PB)  
Paraná (PR)  
Pernambuco (PE)  
Piauí (PI)  
Rio de Janeiro (RJ)  
Rio Grande do Norte (RN)  
Rio Grande do Sul (RS)  
Rondônia (RO)  
Roraima (RR)  
Santa Catarina (SC)  
São Paulo (SP)  
Sergipe (SE)  
Tocantins (TO)

#### **7 - MUNICÍPIO DE ORIGEM**

VOCÊ ESCREVERÁ O NOME DA CIDADE QUE VOCÊ NASCEU. EX: SANTA LUZIA  
(Marcar apenas uma oval)

Belo Horizonte

Outro:

#### **8 -BAIRRO ONDE MORA**

SELECIONE APENAS UMA OPÇÃO  
(Marcar apenas uma oval)

Ribeiro de Abreu

Conjunto Ribeiro de Abreu

Novo Aarão Reis

Monte Azul

Maria Teresa

Casinhas

Novo Lajedo

Casas Populares

Novo Tupi

Rosarinha

Padre Miguel

#### **9 - A SUA ESCOLA ANTERIOR ERA:**



ESCREVA CORRETAMENTE O NOME DA SUA ESCOLA ANTERIOR, NÃO PODENDO USAR SIGLAS OU APELIDOS DA ESCOLA. EX: ESCOLA MUNICIPAL SECRETÁRIO HUMBERTO ALMEIDA

### **QUEREMOS SABER SOBRE SEU LAR**

#### **10 - QUAL É O TIPO DE SUA MORADIA?**

(Marcar apenas uma oval)

Casa

Apartamento

Barracão

Outro:

#### **11 - ASSINALE TODOS OS SERVIÇOS PÚBLICOS EM QUE SE ENCONTRA, O SEU DOMICÍLIO:**

VOCÊ DEVE MARCAR TODAS AS OPÇÕES QUE TEM NA SUA CASA  
MARQUE TODAS QUE SE APLICAM.

Água da Copasa (água limpa, potável, encanada)

Rede de esgoto (esgoto encanado)

Rua asfaltada

Luz elétrica da CEMIG

### **QUEREMOS SABER SOBRE SUA FAMÍLIA**

#### **12 - COM QUEM VOCÊ MORA?**

MAIS DE UMA OPÇÃO PODERÁ SER MARCADA. ATENÇÃO ÀS OPÇÕES PARANÃO  
ESCREVER AS QUE JÁ EXISTEM

(Marque todas que se aplicam)

Pais (Mãe e Pai)

Mãe

Pai

Avós

Parentes

Amigos

Outro:

#### **13 - QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM NO TOTAL?**

(Marcar apenas uma oval)

Nenhum

um

2

3

- 4
- 5
- 6 ou mais

**14 - QUAL A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE MORAM NA SUA CASA?**

SOMAR O NÚMERO DE PESSOAS CONTANDO COM VOCÊ

(Marcar apenas uma oval)

- 1 a 3
- 3 a 5
- 5 a 7
- 7 a 10
- Acima de 10

**15 - NO SEU DOMICÍLIO HÁ (QUANTOS?):**

MARQUE TODAS QUE SE APLICAM.

- Aparelho de Som
- Televisão
- DVD
- Geladeira
- Microondas
- Freezer Independente (não contar com a geladeira)
- Máquina de Lavar Roupas
- Computador (micro, laptop, notebook)
- Telefone fixo
- Telefone Celular
- TV por Assinatura (NET, SKY...)
- Automóvel (carro)
- Motocicleta

**GOSTARÍAMOS DE SABER SOBRE SEUS RESPONSÁVEIS**

**16 - QUAL O GRAU MÁXIMO DE ESCOLARIDADE DA SUA MÃE?**

(Marcar apenas uma oval)

- Analfabeta
- Ensino Fundamental Incompleto (estudou até no máximo 8º ano)
- Ensino Fundamental Completo (concluiu o 9º ano)
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto (Não acabou a faculdade)
- Ensino Superior Completo (acabou a faculdade)

Desconheço

**17 - QUAL GRAU MÁXIMO DE ESCOLARIDADE DO SEU PAI?**

(Marcar apenas uma oval)

Analfabeto

Ensino Fundamental Incompleto (estudou até no máximo 8º ano)

Ensino Fundamental Completo (concluiu o 9º ano)

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto (Não acabou a faculdade)

Ensino Superior Completo (acabou a faculdade)

Desconheço

**18 - QUAL O GRAU DE ESCOLARIDADE DO SEU RESPONSÁVEL, CASO NÃO SEJA SEUS PAIS?**

SE VOCÊ JÁ RESPONDEU SOBRE SUA MÃE OU PAI, PASSE PARA PRÓXIMA PERGUNTA.

(Marcar apenas uma oval)

Analfabeto

Ensino Fundamental Incompleto (estudou até no máximo 8º ano)

Ensino Fundamental Completo (concluiu o 9º ano)

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto (Não acabou a faculdade)

Ensino Superior Completo (acabou a faculdade)

Desconheço

**19 - QUAL O TRABALHO DO SEU RESPONSÁVEL?**

(Marcar apenas uma oval)

Empregado assalariado (trabalha numa empresa com carteira assinada)

Empregado Doméstico, mensalista ou diarista (faxina, limpeza, etc.)

Empregado que ganha por produção (comissão)

Trabalha por conta própria, é autônomo (sacoleira, pedreiro, ajudante de pedreiro, camelô)

É dono de negócio, empregador (dono de empresa)

Trabalha em negócio familiar sem remuneração

Presta serviço militar obrigatório, assistencial ou religioso com alguma remuneração

Desempregado (a)

Outro:

**AGORA, ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE VOCÊ...**

**20 - QUANDO CHEGA A SUA CASA, VOCÊ:**

(Marcar apenas uma oval)

Apenas estuda  
Ajuda nas tarefas domésticas  
Ajuda nas tarefas domésticas e estuda  
Não faz nada  
Brinca, joga, assiste TV  
Não ajuda em nada

**21 - O QUE MAIS GOSTA NA ESCOLA?**

**22 - O QUE MENOS GOSTA NA ESCOLA?**

**23 - EM SEU MOMENTO DE LAZER, O QUE GOSTA DE FAZER?**

ASSINALE QUANTAS ALTERNATIVAS FOR NECESSÁRIO.

(Marque todas que se aplicam)

Assistir TV  
Ouvir Música  
Ir ao shopping  
Mexer no Celular (whatsapp, redes sociais, jogos), PC, notebook, tablet  
Dormir ou descansar  
Brincar na rua (soltar papagaio, jogar bola, pique esconde, etc.)

**24 - VOCÊ TEM ALGUM APELIDO QUE NÃO GOSTA? \***

(Marcar apenas uma oval)

Não  
Sim

**25 - QUAL?**

SE VOCÊ RESPONDEU SIM NA PERGUNTA ANTERIOR

**26 - VOCÊ JÁ COLOCOU APELIDO EM ALGUÉM?**

(Marcar apenas uma oval)

Sim  
Não

**27 - SE "SIM", QUAL?**

SE VOCÊ RESPONDEU SIM NA PERGUNTA ANTERIOR

**GOSTARÍAMOS DE SABER A SITUAÇÃO FINANCEIRA DA SUA FAMÍLIA**

**28 - QUAL É A RENDA MENSAL FAMILIAR?**

Considere A Soma Da Renda Daqueles Que Moram E Contribuem Para O Sustento Do Lar  
(Marcar apenas uma oval)

- Menos de 1 salário mínimo (até R\$ 998,00)
- De 1 a 2 salários mínimos (até R\$ 1996,00)
- De 2 a 3 salários mínimos (até R\$ 2994,00)
- De 3 a 4 salários mínimos (até R\$ 3992,00)
- De 4 a 5 salários mínimos (até R\$ 4990,00)
- De 5 a 6 salários mínimos (até R\$ 5988,00)
- De 6 a 7 salários mínimos (até R\$ 6986,00)
- De 7 a 8 salários mínimos (até R\$ 7984,00)
- De 8 a 10 salários mínimos (até R\$ 9980,00)
- Acima de 10 salários mínimos

**29 - QUANTAS PESSOAS (CONTANDO COM VOCÊ) VIVEM DA RENDA DA SUA FAMÍLIA?**

VOCÊ CONTA TODAS AS PESSOAS QUE MORAM NA SUA CASA, INCLUINDO VOCÊ.  
(Marcar apenas um oval)

- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

**30 - VOCÊ E/OU SUA FAMÍLIA QUANDO PRECISAM DE UMA CONSULTA MÉDICA OU ODONTOLÓGICA, SEMPRE PROCURAM?**

(Marcar apenas um oval)

- O centro de saúde
- O plano de saúde/odontológico

**SOBRE O QUILOMBO MANGUEIRAS...**

**31 - VOCÊ CONHECE O QUILOMBO MANGUEIRAS? \***

(Marcar apenas um oval)

- Sim
- Não

**32 - JÁ FREQUENTOU O QUILOMBO MANGUEIRAS?**

(Marcar apenas um oval)

Sim

Não

**33 - O QUE VOCÊ SABE OU OUVIU FALAR DO QUILOMBO MANGUEIRAS?**

**AGORA GOSTARÍAMOS DE SABER SUA OPINIÃO SOBRE ESTES TEMAS**

ESTES TEMAS ESTÃO PRESENTES NO NOSSO DIA A DIA, POR ISSO GOSTARÍAMOS QUE COMENTASSE DE FORMA SÉRIA SOBRE CADA UM DELES, POIS É DE EXTREMA IMPORTÂNCIA ENTENDER REALMENTE DO QUE SE TRATA CADA UM.

**34 - DESCREVA O QUE SABE SOBRE PRECONCEITO**

**35 - DESCREVA O QUE SABE SOBRE DISCRIMINAÇÃO**

**36 - DESCREVA O QUE SABE SOBRE RACISMO**

## **ANEXO A - RELATÓRIO DO CONVIDADO INÁCIO PARA RODA DE CONVERSA NA EMSHA**

**Nome completo:** Inácio da Ressurreição Mamboma Luemba.

**Idade:** 35 anos.

**Origem:** Nascido em Angola, na província de Cabinda, município de Cacongo.

**Profissão:** Professor do Centro de Formação do SME – Serviço de Migração e Estrangeiros (Angola).

**Formação acadêmica:** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; e, atualmente, doutorando em Educação pela mesma Universidade. É também Bacharel em Direito pela Universidade 11 de Novembro.

### **Sobre as minhas impressões e relações sociais e culturais no Brasil e Angola:**

Primeiro, gostaria de referir que Brasil e Angola são dois países que têm muitos aspectos em comum:

- Possuem, ambos, um clima tropical;
- Vivenciaram, no passado, a mesma influência colonial, isto é, a influência colonial portuguesa;
- Falam a mesma língua, nomeadamente, a Língua Portuguesa;
- Possuem uma culinária muito parecida, sobretudo, quando comparamos a culinária baiana com a de Angola;
- Uma parte significativa da população afrodescendente de Brasil é oriunda de Angola.

Enfim, os exemplos são vários. Por conta disso, eu, enquanto cidadão de Angola, quando cheguei ao Brasil, senti-me em casa. Não tive grandes dificuldades em me comunicar com as pessoas por que elas estavam falando a mesma língua que eu falo; não senti uma grande mudança do clima porque eu estava experimentando, no essencial, o mesmo clima de Angola; não tive grandes dificuldades em me alimentar porque eu estava lidando, no essencial, com uma culinária parecida com a de Angola. Diante disso, posso considerar, de modo geral, que a minha inserção na sociedade brasileira se deu sem grandes sobressaltos.

Porém já não foi tão tranquilo assim, quanto ao relacionamento com determinadas pessoas brasileiras; quanto à circulação em determinados estabelecimentos do Brasil, como shoppings e bancos. Ou seja, percebi que o estrangeiro no Brasil, sobretudo tratando-se de um negro vindo da África, como é o meu caso, é rapidamente rotulado como um miserável, inculto, podendo, em muitas situações, ser confundido com um marginal. Daí o tratamento que é dado, no Brasil, ao estrangeiro africano deixar muito a desejar, em muitos casos. Posso citar um exemplo, quanto a isso:

sempre que eu entro num shopping ou banco, é muito comum a equipe de segurança desses estabelecimentos redobrar toda a atenção em relação à minha pessoa por que, para aquela equipe, eu e tantos outros negros somos potenciais marginais, o que nunca vi se colocar em relação à pessoa do branco. Esse é um aspecto que eu acho que precisa ser melhorado cá no Brasil.

Portanto, sobre esse capítulo, é tudo quanto gostaria de relatar.

**Sobre o meu contato com a escola de vocês:**

Primeiro, devo agradecer o convite que me fizeram, para comparecer em vossa escola!

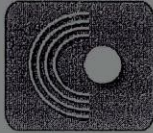
Em segundo, devo referir que fiquei com uma ótima impressão do aspecto organizacional de vossa escola, pelo que também destaco o modo tão positivo como fui recebido, as pessoas que me apresentaram, desde os alunos aos professores, pareceram-me muito simples e educadas. Não posso deixar de sublinhar, de igual modo, a preocupação que a direção da vossa escola vem demonstrando em relação ao espaço verde da escola, ao ter criado aquele pequeno jardim, naquele espaço onde se concentrava o entulho da escola. Enfim, tudo isso para dizer que levei, comigo, uma boa impressão de vossa escola, e faço voto para que continuem nessa dinâmica, melhorando cada vez mais!

BH – MG/BRASIL, a 24 de Agosto de 2019.

Por: Inácio da R. M. Luemba.



## ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO (ESCOLA MUNICIPAL SECRETÁRIO HUMBERTO ALMEIDA)



**LASEB**  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.


Prezados Pais,

O(a) Prof.(a) SOMIA DOS SANTOS FRANÇA desenvolverá, na Escola MUNICIPAL SECRETÁRIO HUMBERTO ALMEIDA, um projeto relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

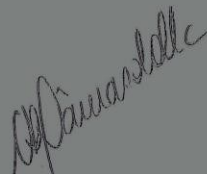
Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,

  
Vanessa Sena Tomaz

Coordenadora Geral do Curso

\_\_\_\_\_  
Orientador(a) do trabalho

  
Christiane de Paula Dâmaso Colla - BM 70265-8  
Diretora de Estabelecimento de Ensino  
11-00000-7 INCM de 20/12/2017

Nome do aluno(a): \_\_\_\_\_

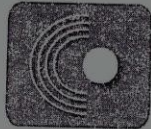
De acordo: assinatura dos pais / responsáveis pelo(a) aluno(a)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369  
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb

## ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO (RESPONSÁVEIS PELOS ESTUDANTES)



LASEB  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

Prezado(a) Diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que o(a) professor(a)/estudante RONIA DOS SANTOS FRANÇA do curso de Especialização em Formação de Educadores para Básica da Faculdade de Educação/UFMG, área EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERCULTURALIDADE de concentração EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERCULTURALIDADE desenvolva seu projeto de pesquisa nessa instituição, ao longo deste ano.

Esclarecemos que este projeto é orientado por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e às questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

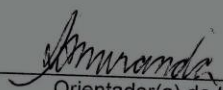
Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos da parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação deste projeto constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos no projeto, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos filhos em atividades e registros.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os projetos nele desenvolvidos.

Atenciosamente,

  
Vanessa Sena Tomaz  
Coordenadora Geral do Curso

  
Orientador(a) do trabalho

  
Christiane de Paula Dalmazo Galla - BIA: 70285-8  
Diretora de Estabelecimento de Ensino  
NOM de 30/12/2017

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cap: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369  
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb